



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

ABIMAEEL FERREIRA DOS SANTOS

**A VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS NOMINAIS *GERÚNDIO E INFINITIVO*
GERUNDIVO NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA-ANGOLA: UM
ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO**

Feira de Santana-Ba
2022

ABIMAEEL FERREIRA DOS SANTOS

**A VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS NOMINAIS *GERÚNDIO E INFINITIVO*
GERUNDIVO NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA-ANGOLA: UM
ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL – da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida

Feira de Santana – Ba
2022

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carneado

Santos, Abimael Ferreira dos

S233v A variação entre as formas nominais gerúndio e infinitivo gerundivo no português falado em Luanda-Angola: um estudo sociolinguístico. / Abimael Ferreira dos Santos.–, 2022.

100f.: il.

Orientadora: Norma Lúcia Fernandes de Almeida

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2022.

1.Português luandense. 2.Contato linguístico. 3.Gerundio. 4.Infinitivo gerundivo. I.Almeida, Norma Lúcia Fernandes de, orient. II.Universidade Estadual de Feira de Santana. III.Título.

CDU: 801

TERMO DE APROVAÇÃO

ABIMAEEL FERREIRA DOS SANTOS

A VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS NOMINAIS *GERÚNDIO E INFINITIVO* *GERUNDIVO* NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA-ANGOLA: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

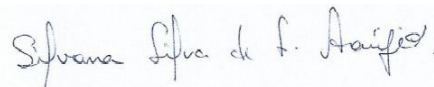
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Orientadora



Prof. Dr. Alexandre António Timbane
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)
Examinador Externo



Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Avaliadora Interna

Dedico este trabalho ao grandioso Deus, meu Altíssimo Pai que sempre me guardou. As lutas e choros foram incontáveis, mas Ele sempre me sustentou. Por isso, toda honra e toda glória a Ele! Ademais, agradeço aos corpos negros que resistiram às incontáveis lutas sangrentas e me proporcionaram chegar até aqui! Esta caminhada é por vocês!

AGRADECIMENTOS

Com os olhos cheios de lágrimas, escrevo este texto como forma de gratidão por tudo e todos que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, aqueles que, diretamente ou indiretamente, fizeram da minha caminhada no mestrado um processo leve, apesar das “pedras no caminho”.

Agradeço a Deus por me guiar, sustentar e iluminar os meus pensamentos, pois foi por meio dessa graça divina que encontrei forças para prosseguir, reerguer e concretizar um dos maiores sonhos da minha vida: ser mestre em Linguística.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da UEFS, de modo geral, que sempre atendeu prontamente às demandas necessárias de forma prática e transparente. De forma mais específica, sou grato por toda acolhida e aprendizagem com os professores, coordenadores e funcionários desse programa. Deixo aqui, também, o meu “muitíssimo obrigado” à turma de Mestrado/Doutorado de 2020.

À professora Dra. Norma Lúcia Almeida pela ilustríssima orientação regada de afetos e responsabilidades. Sou grato por sempre ter compreendido a minha vida tão corrida atrelada ao desejo de escrever esta pesquisa. Agradeço mais ainda por sempre entender que, pelo fato de não ser bolsista, as entregas demandavam um maior tempo. Por ter sido uma das que mais me encorajaram a prosseguir, que sempre teve o empático cuidado com a minha saúde mental acima de tudo, que sempre foi compreensível, profissional e HUMANA. Desejo que os futuros mestrandos (as) e doutorandos (as) tenham a sorte de ter orientadoras como a senhora. Serei sempre grato por essa participação especial na minha vida acadêmica.

À professora Dra. Silvana Araújo, minha orientadora do coração, a qual esteve comigo desde 2015, quando dei meus primeiros passos na jornada sociolinguística, por meio do seu incentivo e profissionalismo. Grato por todo empenho, orientação e atenção à minha (nossa) pesquisa.

Ao professor Dr. Alexandre António Timbane, uma das maiores referências profissionais que tenho na vida. Grato por sua participação na qualificação e nesta defesa. Sua passagem na minha trajetória acadêmica foi de extrema relevância ao passo que foi possível (re)ver o meu trabalho com novos olhares e novas perspectivas. Levarei suas observações para vida!

À professora Dra. Núbia Mothé pela prontidão de responder aos e-mails com incansáveis dúvidas e questionamentos. Por sua participação na banca dos projetos. Por ser essa profissional admirável!

À professora Dra. Mariana Lacerda pela ilustríssima orientação no meu estágio de docência. És um poço de intelectualidade, sabedoria e empatia.

Aos meus grandes amigos que me acompanharam nesta árdua trajetória acadêmica, aqueles que zelaram pelo meu bem-estar e arrancavam risadas sinceras nos momentos mais árdusos. Especialmente e primordialmente, sou grato pela vida de Manoel, o qual foi o meu orientador/amigo, e vice-versa. Teu coração é gigante. Tua humildade e sabedoria são admiráveis. Agradeço, também, àquelas que me ajudaram a (re)construir esta dissertação: Victória, Suelane, Tainá e Juliete, vocês são luzes na minha vida. Além disso, agradeço pelos afetuosos olhares de Fau, como o chamo carinhosamente, e Marcus à minha pesquisa, seres humanos ímpares.

Aos meus amigos da vida, aqueles que estiveram comigo para além da universidade, que me proporcionaram dias leves e felizes. Não os citarei individualmente aqui, pois são muitos, mas vocês sabem das respectivas essencialidades na minha vida!

Ao Tiago Anunciação, aquele que cuidou de mim nos mínimos detalhes: na alimentação, nos abraços, nos afetos e nas seguintes frases: “Tá tudo bem por aí?” “Precisa de água?” “Posso te ajudar com alguma coisa?”. Por ter cruzado a minha vida nesse período tão delicado e se fazer sempre presente.

À minha família que sempre acreditou nos meus sonhos. Obrigado pelas palavras de incentivo, pois mesmo não compreendendo profundamente o significado do Mestrado, alegravam-se com as minhas vitórias diárias. Mesmo longe, fisicamente, o amor de vocês me alcançou.

Às instituições que fiz e faço parte durante o período de escrita: Colégio Limite, Colégio Águia, Colégio Nobre e Escola SESC. Sou grato pela compreensão nas participações dos eventos, nas necessidades de escrita, entre outras demandas acadêmicas.

Aos meus alunos, aqueles que fazem a jornada fazer sentido. Jamais me esquecerei dos questionamentos em aula: “professor, sua pesquisa fala sobre o quê?” Dentro desse curto questionamento, inúmeras discussões/debates surgiam, e foram por eles que eu precisava continuar, porque acima de tudo, eu acredito numa EDUCAÇÃO

HUMANIZADA. Obrigado, meus iluminados, vocês sempre foram e sempre serão a força para continuar.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a você, leitor, o qual dedicou/dedica um momento para a atenta leitura desta significativa pesquisa. Espero, carinhosamente, que esta dissertação te abrace e envolva aos caminhos sociolinguísticos e sócio históricos sobre Luanda- Angola.

RESUMO

Com o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972]), pesquisou-se, nesta dissertação, a variação no uso do gerúndio e do infinitivo gerundivo, com dados orais do português de Luanda (PL). A princípio, o presente estudo buscou comprovar o uso majoritário do infinitivo gerundivo no português falado em Luanda-Angola, principal hipótese deste trabalho. Nesse sentido, objetivou-se compreender os fatores que condicionam o uso do respectivo fenômeno. A presente pesquisa respalda-se em alguns estudos já realizados, tais como: Maler (1972), Barbosa (1999), Mothé (2007; 2014), Oliveira (2017). Do ponto de vista metodológico, foi utilizado as entrevistas sociolinguísticas do projeto “Em busca das raízes do português brasileiro – Fase III: Estudos morfossintáticos”, projeto este sediado no Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana. Para o cumprimento do exposto, selecionou-se 24 informantes do referido projeto e os dados foram analisados quantitativamente em tempo real de curta duração com auxílio do GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Na presente pesquisa, os resultados mostram que há um uso mais frequente do infinitivo gerundivo entre os falantes entrevistados, isto é, o verbo auxiliar + preposição *a* + infinitivo é amplamente utilizado, e é favorecido, principalmente, pelos fatores: estrutura verbal, tipo de oração e escolaridade. A partir desses resultados, verifica-se o uso frequente do infinitivo gerundivo em Luanda, fato que corresponde a uma convergência linguística ao Português Europeu (PE), ao contrário do que ocorre no Português Brasileiro (PB), o qual faz o uso categórico do gerúndio, segundo pesquisas já realizadas, como Barbosa (1999) e Mothé (2014). Nesse sentido, buscando contribuir para os estudos sobre a formação da realidade sociolinguística de Luanda, acredita-se que é importante a realização de estudos que se concentrem em dados coletados em outros continentes que não apenas o europeu – como propôs Petter (2007) –, pois, assim, torna-se possível a comparação entre a variedade brasileira e as variedades africanas do português, ampliando-se o debate sobre a influência do contato linguístico na formação dessas variedades e a discussão sobre a atuação de fatores linguísticos e socioculturais em fenômenos linguísticos variáveis.

Palavras-chave: Português luandense. Contato linguístico. Gerúndio. Infinitivo gerundivo.

ABSTRACT

With the theoretical-methodological framework of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008[1972]), this dissertation investigated the variation in the use of the gerund and the gerundive infinitive, with oral data from Luanda Portuguese (PL). At first, the present study sought to prove the majority use of the gerundive infinitive in Portuguese spoken in Luanda-Angola, the main hypothesis of this work. In this sense, the objective was to understand the factors that condition the use of the respective phenomenon. This research is based on some studies already carried out, such as: Maler (1972), Barbosa (1999), Mothé (2007; 2014), Oliveira (2017). From a methodological point of view, the sociolinguistic interviews of the project “In search of the roots of Brazilian Portuguese – Phase III: Morphosyntactic Studies” were used, a project based at the Center for Studies in Portuguese Language at the State University of Feira de Santana. In order to comply with the above, 24 informants from the aforementioned project were selected and the data were quantitatively analyzed in real time for a short period with the help of GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). In the present research, the results show that there is a more frequent use of the gerundive infinitive among the interviewed speakers, that is, the auxiliary verb + preposition *a* + infinitive is widely used, and is favored mainly by the factors: verbal structure, type of prayer and schooling. From these results, it is verified the frequent use of the gerundive infinitive in Luanda, a fact that corresponds to a linguistic convergence to European Portuguese (EP), contrary to what occurs in Brazilian Portuguese (BP), which makes a categorical use of the gerúndio, according to research already carried out, such as Barbosa (1999) and Mothé (2014). In this sense, seeking to contribute to the studies on the formation of the sociolinguistic reality of Luanda, it is believed that it is important to carry out studies that focus on data collected in other continents than just the European one - as proposed by Petter (2007) -, because, in this way, it becomes possible to compare the Brazilian variety and the African varieties of Portuguese, expanding the debate on the influence of linguistic contact in the formation of these varieties and the discussion on the role of linguistic and sociocultural factors in linguistic phenomena variables.

Keywords: Portuguese from Luanda. Language contact. Gerund. Gerund infinitive.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|----------|---|----|
| Figura 1 | Mapa da localização de Angola na África Austral | 20 |
| Figura 2 | Mapa da localização de Angola e suas províncias | 21 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|----------|--|----|
| Quadro 1 | Estratificação do corpus do português urbano falado em Luanda-Angola | 56 |
| Quadro 2 | Variáveis linguísticas adotadas na pesquisa | 58 |
| Quadro 3 | Fatores sociais | 65 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|----------|---|----|
| Tabela 1 | Distribuição geral dos resultados encontrados na amostra do português luandense referente ao uso variável do infinitivo gerundivo e do gerúndio | 70 |
| Tabela 2 | Aplicação do <i>infinitivo gerundivo</i> segundo a variável Estrutura verbal | 75 |
| Tabela 3 | Peso relativos da 1ª rodada: tipo de enunciado | 79 |
| Tabela 4 | Aplicação do <i>infinitivo gerundivo</i> segundo a variável tipo oração | 79 |
| Tabela 5 | Aplicação do <i>infinitivo gerundivo</i> segundo a variável escolaridade | 82 |
| Tabela 6 | O infinitivo gerundivo segundo a variável linguística posição do clítico na amostra do português falado em Luanda-Angola | 83 |
| Tabela 7 | O infinitivo gerundivo segundo a variável sexo na amostra do português falado em Luanda-Angola | 85 |
| Tabela 8 | O infinitivo gerundivo segundo a variável faixa etária na amostra do português falado em Luanda-Angola | 86 |
| Tabela 9 | O infinitivo gerundivo segundo a variável local de nascimento na amostra do português falado em Luanda-Angola | 87 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|------------|---|
| CEP/UEFS - | Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos |
| FNLA - | Frente Nacional de Libertação de Angola |
| INE - | Instituto Nacional de Estatística |
| MPLA - | Movimento Popular de Libertação de Angola |
| NELP - | Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa |
| NGB - | Nomenclatura Gramatical Brasileira |
| ONU - | Organização das Nações Unidas |
| PA - | Português Angolano |
| PB - | Português Brasileiro |
| PE - | Português Europeu |
| PL - | Português de Luanda |
| UEFS - | Universidade Estadual de Feira de Santana |
| UNITA - | União Nacional para a Independência Total de Angola |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|---|-----------|
| 1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 16 |
| 2 | A FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DE ANGOLA | 19 |
| 2.1 | A LUTA PELA LIBERTAÇÃO E INDEPENDÊNCIA: A GUERRA CIVIL E SEUS REFLEXOS EM ANGOLA | 19 |
| 2.2 | IDENTIDADE SOCIOLINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS ANGOLANO | 27 |
| 2.3 | A POLÍTICA LINGUÍSTICA NA ÁFRICA | 31 |
| 3 | REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O GERÚNDIO E O INFINITIVO GERUNDIVO | 36 |
| 3.1 | O GERÚNDIO E O INFINITIVO GERUNDIVO: ALGUNS CONCEITOS | 37 |
| 3.1.1 | O tema | 38 |
| 3.1.2 | As teorias da conservação e inovação no PB e no PE | 40 |
| 3.2 | GERÚNDIO E INFINITIVO GERUNDIVO: A TEORIA DA INOVAÇÃO E CONSERVAÇÃO POR BARBOSA (1999) | 42 |
| 3.3 | O GERÚNDIO E O <i>INFINITIVO GERUNDIVO</i> NO PB E NO PE POR MOTHÉ (2014) | 44 |
| 3.4 | ASPECTOS DA HIPÓTESE CONSERVADORA DA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO POR OLIVEIRA (2017) | 48 |
| 4 | REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO | 51 |
| 4.1 | TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA-LINGUÍSTICA | 51 |
| 4.2 | DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E OS PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DESTA PESQUISA | 55 |
| 4.3 | AS ENTREVISTAS | 56 |
| 4.4 | A APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS | 57 |
| 4.4.1 | Variável dependente | 60 |
| 4.4.2 | Tipo de oração | 60 |
| 4.4.3 | Voz verbal | 62 |
| 4.4.4 | Estrutura verbal (sintética x perifrástica) | 63 |
| 4.4.5 | Posição do clítico | 64 |

| | | |
|--------------|--|-----------|
| 4.5 | ALGUMAS CARACTERÍSTICAS E HIPÓTESES DAS VARIÁVEIS SOCIAIS | 65 |
| 4.5.1 | Sexo | 66 |
| 4.5.2 | Faixa etária | 67 |
| 4.5.3 | Escolaridade | 67 |
| 4.5.4 | Local de nascimento | 68 |
| 5 | ANÁLISE VARIACIONISTA DO GERÚNDIO E DO INFINTIVO GERUNDIVO NO PORTUGUÊS URBANO FALADO EM LUANDA | 69 |
| 5.1 | ANÁLISE DAS FORMAS NOMINAIS NO <i>CORPUS</i> | 69 |
| 5.2 | AS VARIÁVEIS ESTATISTICAMENTE RELEVANTES NO CONDICIONAMENTO DO FENÔMENO | 74 |
| 5.2.2 | Aplicação do <i>infinitivo gerundivo</i> segundo a variável Estrutura verbal | 74 |
| 5.2.3 | Aplicação do <i>infinitivo gerundivo</i> segundo a variável tipo de oração | 79 |
| 5.2.4 | Aplicação do <i>infinitivo gerundivo</i> segundo a variável escolaridade | 81 |
| 5.3 | AS VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS | 83 |
| 5.3.1 | O <i>infinitivo gerundivo</i> segundo a variável linguística posição do clítico | 83 |
| 5.3.2 | O <i>infinitivo gerundivo</i> segundo a variável sexo do informante | 84 |
| 5.3.3 | O <i>infinitivo gerundivo</i> segundo a variável faixa etária | 86 |
| 5.3.4 | O <i>infinitivo gerundivo</i> segundo a variável local de nascimento | 87 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 88 |
| | Referências | 91 |

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É premissa básica da Sociolinguística que língua e sociedade são duas realidades que se interrelacionam e que, portanto, são indissociáveis. Ao estudar a língua dentro do escopo de uma dada comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972]), constatamos a existência da variação linguística e, sobretudo, que essa variação é ordenada, ou seja, “não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras” (NARO, 2013, p. 15). Essa heterogeneidade ordenada está associada a diversos fatores, tais como: gênero, escolaridade, idade e local de nascimento.

Diante dessas afirmações, nesta dissertação, abordamos a variação entre as formas nominais *gerúndio* e *infinitivo gerundivo*, por meio de dados orais do português falado em Luanda (PL), mais precisamente em 24 entrevistas pertencentes ao projeto “Em busca das raízes do português brasileiro”, atualmente coordenado pela professora Dra. Silvana Araújo e sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana - Bahia. Para tanto, tomamos por base os pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]).

Investigamos, neste estudo, a forma contínua do verbo em língua portuguesa, o *gerúndio*, isto é, um processo verbal não finalizado. O verbo no *gerúndio* é composto pela raiz do verbo + *ndo*, exemplo: Falar = *fal* + *ndo* = *falando*. Além disso, trataremos, também, da forma infinitiva em equivalência funcional¹, denominada *infinitivo gerundivo* (a + *infinitivo*). Para melhor elucidar o que foi dito, exemplificamos as construções verbais a seguir:

1. “Eu estou **conversando** com você.” (*Gerúndio*)
2. “Eu estou **a conversar** com você.” (*Infinitivo gerundivo*)

A temática da variação entre o *gerúndio* e o *infinitivo gerundivo* já vem sendo analisada há bastante tempo com dados do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE), conforme atestam trabalhos como Barbosa (1999); Mothé (2014). No que concerne ao português falado em outras variedades transcontinentais, a exemplo das

1 Partindo da constatação que há verbos, na língua portuguesa, que se fazem acompanhar sempre de um funcional, cuja presença tem caráter obrigatório, ou seja, é a parte integrante do próprio verbo. Neste trabalho, analisaremos os verbos tradicionalmente chamados de “verbos preposicionais”.

variedades africanas, percebe-se que ainda há uma carência desse tipo de investigação. Nesse sentido, este estudo contribui para sanar essa lacuna, já que traz a caracterização de aspectos do português falado em Luanda - capital e maior cidade de Angola.

Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo geral identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem no uso do *gerúndio* e do *infinitivo gerundivo*, verificando, primeiramente, quais os fatores de ordem linguística atuam na regulação ou não do uso da forma perifrástica em Luanda e, na sequência, analisar fatores sociais. Como objetivo específico, propõe-se realizar estudos sobre variação, mudança e sócio-história de uma variedade não brasileira: o português luandense; além de investigar as semelhanças e as diferenças qualitativas e quantitativas entre o português brasileiro, o português europeu e o português falado em Luanda-Angola quanto ao uso do gerúndio e do infinitivo gerundivo.

A língua portuguesa no território luandense coabita com várias línguas nativas, o que caracteriza as marcas de uma política de imposição linguística do PE. Em razão dessa imposição, temos como hipótese principal deste estudo que o modo de falar de Luanda, no que tange ao uso do gerúndio, se aproximará do modo de falar do PE. Isso significa dizer que a variante *infinitivo gerundivo* será mais frequente do que a forma nominal do gerúndio.

Assim sendo, o trabalho está dividido em quatro partes. No capítulo 1, o qual chamamos “A formação sócio-histórica de Angola”, veremos dados históricos e culturais da capital aqui estudada, Luanda, além de destacarmos a presença da Língua Portuguesa no território angolano e a realidade sociolinguística dessa comunidade.

O capítulo 2 destina-se à revisão bibliográfica acerca do tema da nossa pesquisa. Nele, expomos o que dizem alguns gramáticos a respeito das formas nominais *gerúndio* e *infinitivo gerundivo*. Além disso, também apresentamos alguns estudos já realizados no Português Brasileiro (PB) e no Português Europeu (PE), a exemplo dos trabalhos de Barbosa (1999), Oliveira (2017) e Mothé (2007; 2014), a fim de compreendemos, de forma mais específica, justificativas para o uso das formas nominais aqui estudadas.

No capítulo 3, intitulado “Referencial teórico-metodológico” destacamos os grupos de fatores que elaboramos para este trabalho, bem como os pressupostos teóricos e as hipóteses que nos serviram de base para utilizá-los.

Além disso, o capítulo 4 diz respeito à análise variacionista dos dados, no qual expomos os resultados obtidos na pesquisa e os avaliamos de acordo com as hipóteses que tínhamos ao iniciar esta investigação.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos uma síntese dos resultados, além das discussões estabelecidas ao longo do texto. Outrossim, apontamos alguns questionamentos que ficaram em aberto nesta pesquisa, traçando caminhos para futuras pesquisas sobre o gerúndio e o infinitivo gerundivo. À luz dessa perspectiva, o nosso trabalho diferencia-se por abordar essas formas nominais no português falado em Luanda-Angola, comunidade em que ainda carece de estudos, com base nas variedades do português e da Sociolinguística.

2 A FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DE ANGOLA

Ao considerarmos os estudos da linguagem, ressaltamos a sócio-história como elemento primordial, visto que os aspectos sociais, políticos, geográficos e históricos podem influir no processo de formação de uma língua e de suas variedades.

No caso desta pesquisa, o estudo descritivo das formas gerúndio e infinitivo gerundivo, na fala dos luandenses, pode colaborar para um maior entendimento sobre os pontos de entrelaçamento e de contato entre o português e as múltiplas línguas existentes no território angolano; ou, pelo menos, nos mostrar se há diferenças entre a variedade angolana e a lusitana, diferença que potencialmente pode ser explicada devido aos entrelaçamentos e contatos.

Levando em consideração a perspectiva acima mencionada, o presente capítulo tem por finalidade apresentar dados históricos e culturais da comunidade de fala de Luanda, além de destacar detalhes a respeito das línguas nacionais e o ensino do português nas escolas. É importante ressaltar que a maior parte das afirmações feitas aqui são baseadas nas leituras de: Mingas (2000), Castro (2006), Inverno (2009), Petter (2011), Teixeira (2013), Zôlua (2013), Armando (2014), Undolo (2014), o Instituto Nacional de Estatística (2014), Silva (2018), Silva e Araújo (2020), Timbane e Tamba (2020).

A princípio, destacamos que o território angolano abriga uma diversidade linguística extensa, ou seja, o país é marcado por um território multilíngue com diversas línguas nacionais. Mingas (2000), a esse respeito, explica que a maioria da população tem como língua materna uma ou mais das cerca de 40 línguas existentes em Angola.

A abordagem que se segue consiste numa breve história recente de Angola. A delimitação deste assunto na presente dissertação justifica-se pelo fato de considerarmos a mudança do tecido social e do cenário político do país determinante na mudança do quadro sociolinguístico e linguístico nacional. Na visão sócio-histórica em que se formou (ou vem formando), o português falado em Luanda (PL) apresenta características diferenciadoras em relação ao português europeu (PE) que procuraremos aqui contextualizar com o objetivo de perceber a influência dos fatores externos na história dessa comunidade.

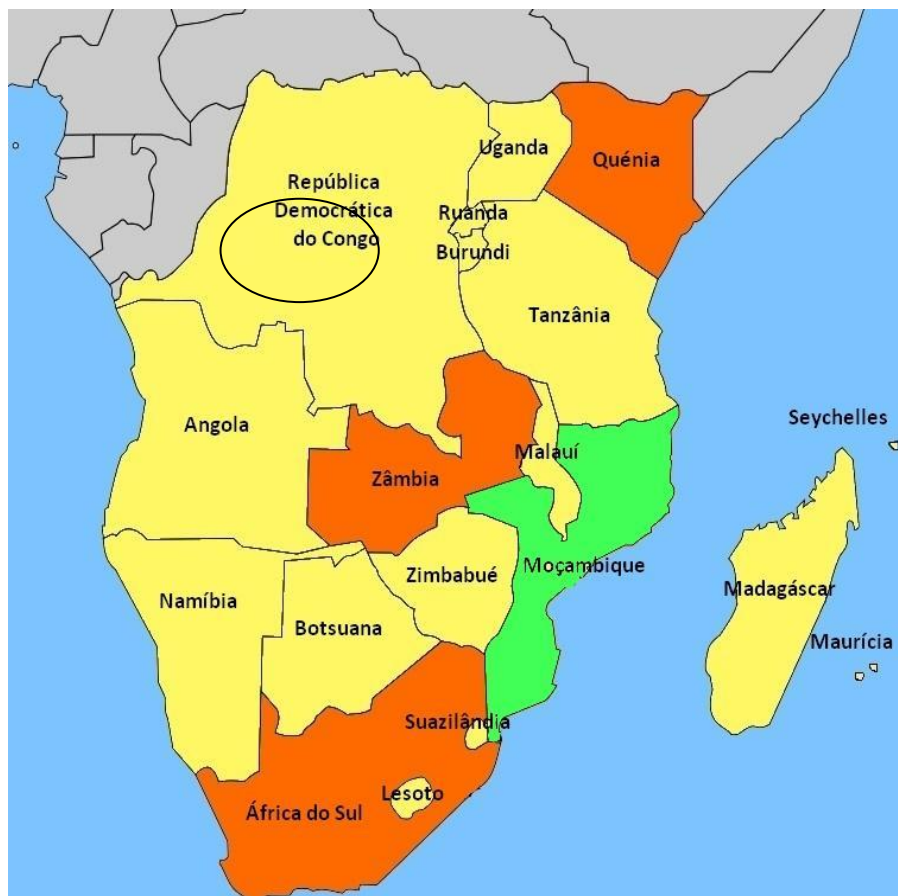
2.1 A LUTA PELA LIBERTAÇÃO E INDEPENDÊNCIA: A GUERRA CIVIL E SEUS REFLEXOS EM ANGOLA

Para iniciar as reflexões acerca do português falado em outras variedades transcontinentais, importa ressaltar, ainda que de forma breve, a história ocultada concernente à formação do português em Angola. Nesse esteio de pensamento, é imprescindível dar voz aos africanos, especialmente aqueles, que por incontáveis vezes, tiveram suas vozes silenciadas, ou, em muitos casos, suas vidas ceifadas. Mediante essa perspectiva, buscamos romper com o ideal eurocêntrico constantemente romantizado e introduzido na história linguística do território angolano.

Por volta do século XV, no período das conquistas marítimas lusitanas, incontáveis áreas da costa africana foram ‘conquistadas’, enquanto Portugal buscava, incansavelmente, estabelecer seu comércio de especiarias com a Índia. Dentre as conquistas, temos o território onde atualmente se localiza Angola, que foi ocupado pelos portugueses somente algumas décadas depois da ocupação efetiva do Brasil (AJAYI, 2010).

A República de Angola está situada na costa ocidental da África Austral, ao sul da linha do equador. O seu território faz fronteira ao norte com a República Democrática do Congo, a leste, com a República Democrática do Congo e a Zâmbia, ao sul com a República da Namíbia e a oeste com o Oceano Atlântico. A sua superfície é de 1.246,700 km quadrados e Angola é composta por 18 províncias, tendo Luanda como sua capital.

Figura 1 - Mapa da localização de Angola na África Austral



Fonte: Página Ivairs (2017)²

O país está dividido em 18 províncias: Cabinda, Zaire, Uíge, Bengo, Kwanza Norte, Kwanza Sul, Malanje, Lunda Norte, Lunda Sul, Benguela, Huambo, Bié, Moxico, Namibe, Huíla, Cunene e Cuando-Cubango, além da capital Luanda. Ademais, possui como principais centros urbanos as cidades de Huambo, Lobito, Benguela e o Lubango, conforme destacou Mingas (2000). Na figura 02, pode ser visualizada a dimensão espacial de Angola, com as suas respectivas subdivisões.

² Disponível em: <https://ivairs.wordpress.com/2017/11/13/a-primeira-visita-internacional-do-presidente-de-angola-sera-na-afrika-do-sul/>. Acesso em: 09 de nov. 2021.

Figura 2 - Mapa da localização de Angola e suas províncias



Fonte: Suporte Geográfico (2020)³

De acordo com o censo de 2014, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), a estimativa da população angolana foi de 25.789.024 pessoas. Desse número, 48% é do sexo masculino e 52% feminino. A maior parte da população reside na zona urbana (63%) e o restante na área rural (37%); sua densidade populacional média é de 20,7 habitantes por quilômetros quadrados (INE, 2016).

É importante salientar que, compelidos politicamente pela Conferência de Berlim (1884/1885), a respeito da dominação territorial e o direito à colônia, os portugueses começaram as chamadas Guerras de Ocupação (ou Ocupação Efetiva) que, de acordo com Mingas (2000), foram verdadeiros massacres ao povo angolano. Embora apresentasse todo esse poder diante da presente comunidade, esta, por sua vez, continuou a resistir durante todo o século XV. Alguns rumos somente começaram a

³ Disponível em: <https://suportegeografico77.blogspot.com/2020/12/informacoes-geograficas-sobre-angola.html>. Acesso em: 09 de nov. 2021.

mudar no ano de 1926, quando Portugal efetivamente conseguiu dominar todo o território que compreende a Angola (MINGAS, 2000).

O mercantilismo europeu fez com que Portugal buscasse rotas marítimas para as Índias em busca das valiosas especiarias. Nesse processo, em 1482, os primeiros lusitanos ancoraram na Foz do Rio Zaire, o que levou ao estabelecimento de relações amistosas com nativos da região, bem como com suas hierarquias e com seus reis. Sobre isso, Silva (2018, p. 3) completa que “como frutos desse processo transcorreram atividades relativas a trocas comerciais, troca de embaixadores, assim como a vinda dos missionários católicos”. Essas relações e acontecimentos ocasionaram significativas transformações nos nativos daquela região. Nesse mesmo caminho, vale lembrar que a construção do forte de São Miguel, em 1575, próximo da região onde hoje fica Luanda, capital angolana, e a maior presença de colonos eleitos pela metrópole marcaram o domínio português na região.

A história deste país africano é assinalada por batalhas consecutivas que deixaram várias consequências, não somente na área da economia, mas como também em aspectos sociais, que são facilmente observados na atualidade. Nessa perspectiva, o colapso no Colonialismo Europeu ocasionou, certamente, a luta pela independência de Angola, que após uma intensa guerra pela liberdade, em 1975, consegue a libertação do domínio português.

Antônio Carlos Matias da Silva, em seu artigo intitulado “Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências”, faz uma análise sobre a construção nacional de Angola a partir do ponto de vista histórico, já que o país, assim como outros países africanos, foi colônia de Portugal. Para isso, o autor aborda especialmente a luta pela libertação e a guerra civil que ocorreu entre os anos de 1975 e 2002, tendo durado 26 anos. Todos esses eventos - o processo colonizador, de luta pela independência/libertação e posterior guerra civil - trouxeram consequências para a sociedade angolana, especialmente quando falamos do seu nacionalismo. Dessa forma, esse capítulo busca sintetizar quais as implicações dos eventos supracitados para a construção do nacionalismo do país.

Durante os quarenta e um anos (1933 – 1974) da ditadura de Antônio Salazar, o sistema político e social do governo era instável, o que levou a perda de controle de Portugal com suas colônias, instigando ainda mais os movimentos de libertação.

Ao citar Linhares (1986), Silva (2018, p. 3) aborda o fato de que “Portugal representou, no continente europeu, a última resistência do colonialismo”. As colônias

portuguesas eram a fonte de mão de obra barata desde o século XIX. Sendo assim, o racismo institucional é uma das marcas do colonialismo lusitano deixado em Angola.

O V Congresso Pan-Africano (Manchester – 1946) foi de extrema importância no processo de descolonização africano. Foi nesse congresso que Dr. Kwame Nkrumah escreveu a “Declaração aos Povos Colonizados” e foi criada a primeira organização política organizada, o Comitê Regional de Delegados (SILVA, 2018).

Entre as décadas de 1940 e 1950, cerca 110 mil portugueses partiram para as colônias lusitanas, com grande parte se dirigindo a Angola, o que continuou durante os anos seguintes. As décadas de 1950 e 1960 ficaram marcadas com os processos de descolonização das colônias africanas. Porém, o Salazarismo impediu as tentativas de independência das colônias portuguesas. Apenas em 25 de abril de 1974, com a queda do regime ditatorial, as colônias africanas, sob domínios portugueses, puderam enfim se tornar independentes.

O surgimento do nacionalismo angolano em 1960, associado à criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização da Unidade Africana (OUA) (que se tornaram tribuna do anticolonialismo militante), possibilitou a criação de diversos movimentos de libertação. Com a ascensão do Movimento das Forças Armadas (MFA) e a queda do Estado Novo de Portugal em 1974, iniciou-se no país a política dos três Ds: democratizar, descolonizar e desenvolver, abrindo caminho para os movimentos de independência das colônias portuguesas.

Nos treze anos de luta colonial entre Angola e Portugal, os três movimentos se destacaram: FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola, o MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola e, mais tarde, a UNITA – União Nacional para independência Total de Angola. Apesar de terem como objetivo a independência do país, outras pautas do grupo eram divergentes, o que levou a uma guerra civil angolana, que durou vinte e seis anos. A seguir, são apresentadas as principais características dos movimentos supracitados por intermédio de Silva (2018):

FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola:

- Criada em 1962, usava a questão racial como bandeira, tendo política contra brancos portugueses e anticapitalistas.
- Recebeu as primeiras armas no final da década de 1960, oriundas da Tunísia, principal apoio para o movimento até então.

- Possuía ligação com os EUA, recebendo apoio financeiro anualmente, além de conselho técnico.
- A FNLA buscava apoio de países de base capitalista, o que impediu a unificação do movimento com outros, que eram contrários as aproximações deste tipo.

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola:

- Nasceu em 1956, foi fruto da junção do Partido de Luta Unida dos Estados Africanos (PLUA) e do Movimento para a Independência de Angola (MIA).
- O líder Agostinho Neto possuía orientação marxista e era urbano.
- O movimento possuía membros mestiços, assimilados, brancos e da população Ovimbundo de Luanda (grupo étnico do centro-norte angolano).
- Possuía relações com Argélia, Gana, Mali, Guiné-Conacri, Egito e Marrocos, recebendo destes formação técnica, armas, além de financiamento e apoio logístico. Além disso, recebia apoio da China, Tanzânia e Zâmbia, sendo de extrema importância para as operações do movimento que aconteciam no leste de Angola.
- A ajuda da China e da União Soviética impulsionou o reconhecimento do movimento como a organização nacionalista principal na Angola pela OUA. Porém, o apoio dessas duas nações com diferenças ideológicas marcantes, naquele período, faria com que surgissem divisões o partido.

UNITA – União Nacional para independência Total de Angola:

- Fundada em 1964, iniciou a luta armada somente em 1966. Seu líder era Jonas Savimbi, que havia deixado a FNLA e o Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE).
- Seus membros eram das etnias do sul angolano: Ngangela, Chokwe e Ovimbundu. Tinha o objetivo de conseguir a mobilização das massas e o apoio popular.
- Do ponto de vista militar, não tinha grandes desenvolvimentos. Constantemente, mudava sua posição ideológica conforme o apoio externo que receberia, porém, se declarava maoísta.
- O projeto adotado pela UNITA era a “liberdade e independência nacional; a justiça social, o trabalho e progresso”, além de “estimular a religião no seio da sociedade”. (SILVA, 2018, p. 7).

- A UNITA apenas teve apoio da China para a formação de brigada militar no seu território. O apoio da Zâmbia em 1967 possibilitou algumas atividades da UNITA, porém o movimento teve que sair do país por divergências com o governo zambiano.

Depois de sintetizarmos as principais características dos movimentos de luta e libertação angolana do colonialismo português, partimos para alguns fatos históricos que, tal como coloca Silva (2018), são importantes para o entendimento da formação de Angola.

As consequências do colonialismo “colaboraram para a criação de condições históricas que moldaram o clima social e político em Angola em 1961” (SILVA, 2018, p. 10). A primeira ação que deu início à revolta foi a ação da União das Populações de Angola, no norte de Angola, em 15 de março de 1961, onde várias fazendas e postos administrativos portugueses foram atacados. Já em 1962, a Guerra Popular de libertação do Povo Angolano começou a se estender pelo país, até que em 25 de abril de 1974, a Revolução dos Cravinhos, liderada pelo MFA, derrubou o regime de Salazar, reconhecendo, imediatamente, “o direito à independência, convidando os três principais movimentos de libertação angolanos: MPLA, UNITA e FNLA, para formar, juntamente com Alto-Comissário Português, um governo de transição”. (SILVA, 2018, p. 10). Tal fato levou a assinatura do acordo de Alvor entre o governo português e os três movimentos citados acima, em 15 de janeiro de 1975. Estabelecida a nova administração que deveria perdurar até que fosse oficializada a independência do país. Porém, conforme nos aponta Silva (2018), o Conselho Presidencial se desintegrou em decorrência das divergências entre os movimentos.

Em 11 de novembro de 1975, Angola se tornou oficialmente um país independente. Porém, os conflitos internos não se encerraram. O MPLA proclamou em Luanda a República Popular de Angola, ao mesmo tempo em que a FNLA e a UNITA proclamaram em Huambo, a República Democrática de Angola, o que constituiu dois governos paralelos. Dessa forma, o governo português não reconheceu nenhum dos dois governos. Outros países começaram a reconhecer gradativamente o governo do MPLA como íntegro, mas somente em 1976 que Portugal reconhece o governo da República Popular de Angola como legítimo.

Quinze dias depois de decretada a independência na região, contabilizava-se 40 mil mortos e um milhão de desabrigados. Além disso, cerca de 400 mil brancos

deixaram o país. Segundo Barreto (2012), muitos vieram para o Brasil e, aqui, alguns encontraram facilidades no processo de acolhimento e adaptação.

Rica em petróleo (explorado no litoral) e diamantes (ao Ocidente), e sendo considerado um regime socialista, Angola, durante um período, foi considerado dependente de países socialistas. Enquanto isso, UNITA disputava duramente o controle dos campos de diamantes, já que esse era um meio de financiamento parcial.

Os conflitos se estenderam durante anos. Com o governo sul-africano de Mandela, no ano de 1994 e a queda de Mobutu, em 1997, a UNITA começou a perder forças. No ano de 1999, um novo governo foi formado e, em 2000, a ONU retirou sua missão de paz, recomeçando, assim, os combates no país. Em fevereiro de 2002, o líder da UNITA, Jonas Savimbi, foi morto, levando a formalização de um acordo de cessar-fogo, assinado em abril de 2003. Quatro meses depois, o Ministro da Defesa declarou o fim da guerra civil, que durou vinte e sete anos.

Após as considerações abordadas, é possível observar que o processo de independência de Angola foi complexo, já que, de um lado, “[envolveu] fatores internos, como a existência de diversas etnias, com diferentes valores culturais e interesses econômicos” (SILVA, 2018, p. 12) e, do outro lado, havia a interferência externa que vinha da polarização ocasionada pela “guerra fria”, e ainda por “questões ideológicas e pelo interesse das potências econômicas em razão da posição geográfica desse país” (SILVA, 2018, p. 13).

Angola apresentou, no período pós-guerra civil, um crescimento acelerado no processo econômico, desenvolvendo a sua base de infraestrutura. Contudo, mesmo com o desenvolvimento na economia, no país ainda perduram as mazelas da colonização e do período de luta e libertação, como, por exemplo, a corrupção e a desigualdade social.

A guerra civil foi um conflito que surgiu a partir do colonialismo europeu que destruiu as riquezas do continente africano. O território da África sofreu com a repartição ocasionada pelo tratado de Berlim de 1878, que não considerou as características étnicas e religiosas dos povos africanos.

Sendo assim, baseado em Silva (2018), verifica-se os vinte e sete anos de guerra civil com consequências notáveis na sociedade angolana. Foram contabilizadas em torno de 10 milhões de minas terrestres no país, prejudicando atividades agrícolas e pecuárias. Mais de dois milhões de pessoas foram mortas na guerra civil, 80 mil pessoas mutiladas pelas minas, além de 1,7 milhão de refugiados.

2.2 IDENTIDADE SOCIOLINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS ANGOLANO

No que tange aos estudos das variedades do português, muitos deles já tiveram como foco o estatuto sociolinguístico da variedade brasileira, denominada de PB. Enquanto no que se refere ao Português Angolano (PA), Silva e Araújo (2020) destacam duas tendências centrais de investigação: a primeira que busca responder se a referida variedade ainda está em processo de formação – hipótese defendida por autores como Inverno (2004) e Teixeira (2008, 2013) ou a segunda que averigua se a variedade em questão já se estabeleceu e possui, portanto, uma identidade sociolinguística própria – tal como aponta Figueiredo e Oliveira (2013). Tais hipóteses, como se pode ver, caminham em direções contrárias, o que impulsiona a testagem das referidas hipóteses mediante resultados de estudos sociolinguísticos realizados sobre o PA. Dessa forma, Silva e Araújo (2020) propõem uma breve, porém sólida revisão bibliográfica a partir de resultados empíricos que possam sustentar uma ou outra tese sobre o estatuto sociolinguístico – ainda indefinido - dessa variedade.

É sabido que antes da década de 1930 a pesquisa linguística sobre o PB direcionava seus esforços a comparar as variedades europeia e brasileira, concluindo que o PB possuía traços linguísticos que distinguiam as duas gramáticas. No entanto, não se deve deixar em segundo plano a noção de que a sócio-história do PB é marcada pelo contato entre línguas, em especial com as línguas africanas, que decorreu das relações comerciais e socioculturais, sobretudo do tráfico de homens e mulheres que seriam escravizados no período colonial e imperial. São as publicações dos trabalhos de Mendonça (1933) e Raimundo (1933) que colocam no radar dos estudos linguísticos brasileiros a necessidade de investigar o impacto, para o PB, do contato linguístico do português com as línguas africanas. Logo, se faz necessário contrastar não só a variedade brasileira à europeia como “(...) contrastá-la também às variedades formadas por meio do intenso e maciço contato linguístico na África, a exemplo do que ocorreu em Angola” (SILVA; ARAUJO, 2020, p. 63).

Com o objetivo de desvelar se a variedade angolana já se consolida por sua própria identidade linguística – contribuindo, dessa forma, para os estudos da língua portuguesa falada em países africanos – é necessário tomar algumas notas sobre a sócio-história de Angola, aspecto relevante para garantir tal entendimento. Para isso, pontuamos, de maneira enfática, que as relações entre Portugal e Angola têm início no século XV, no contexto da expansão territorial propiciada pelas Grandes Navegações. O

tráfico de pessoas que seriam escravizadas para o continente americano era a atividade mais lucrativa exercida pelos portugueses, que já haviam iniciado sua exploração comercial.

Conforme Silva e Araújo (2020) nos apontam, o primeiro contato entre os angolanos e portugueses ocorreu em 1482. Os povos *bantu*, que viviam na foz do Rio Zaire, entendiam, conforme uma tradição mitológica, que a chegada daqueles colonos era um ato sagrado. Os autores registram, segundo Carregnato (2010), que entre os portugueses e o Reino do Congo foi construída uma relação amistosa. Ainda segundo os autores referenciados anteriormente, tal relação se deve ao fato de que, em 1485, a segunda visita de Portugal a Angola foi marcada pela levada de alguns indivíduos do grupo *bantu* que tiveram todo tratamento digno em terras portuguesas, com o intuito de, ao retornarem a Angola, disseminarem boas referências em relação à cultura e aos valores do povo colonizador. Essa estratégia permitiu um tipo de aliança entre as lideranças políticas e os colonizadores, que aproveitaram para dar início ao processo de colonização que perdurou até a segunda metade do século XX. Mesmo após o fim da colonização, a sócio-história de Angola foi marcada por perturbações.

Consoante Silva e Araujo (2020, p. 64)

A sócio-história de Angola é marcada por sucessivas guerras que trouxeram inúmeras consequências econômicas e sociais notáveis até a atualidade. A crise no Colonialismo Europeu, que ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, vai impulsionar a luta pela independência política de Angola. Assim, durante as décadas de 1950 e 1960, o processo descolonizador ganhou força no continente africano, sendo que, conforma aponta Silva (2018), nessa época, muitas colônias que haviam se tornado independentes, tiveram o seu processo de independência cercado pelo regime ditatorial de Salazar em Portugal.

Como já mencionado na seção anterior, os movimentos nacionalistas emergentes contra o colonialismo português, eram perpassados por distintas ideologias, resultando em uma Guerra Civil que durou 27 anos e foi iniciada no mesmo ano em que a independência da nação havia sido conquistada. Em meio a esse cenário político conturbado, se dá a diversidade de línguas faladas na Angola – como em todo continente Africano. Não é definido um número exato de línguas africanas que ali são faladas, sendo ponto de divergência em estudos linguistas africanistas. O que se pode concluir-de acordo com Silva e Araujo (2020), é que a caracterização sociolinguística do território angolano pelo multilinguismo e que nesse país as línguas do grupo *bantu* são faladas majoritariamente. Apesar dessas duas conclusões, a língua portuguesa foi imposta como oficial, além de terem sido tomadas medidas que coibiram o uso das

línguas autóctones na Angola⁴. Como resultado, esses povos devem aprender a língua portuguesa, que, por sua vez, precisa aproximar-se o máximo possível da variedade lusitana, a fim de que consigam ascender socialmente.

Além disso, destacamos que a independência do Brasil culminou na maior atenção, presença e exploração do território angolano por parte de Portugal; e a Guerra Civil teve como efeito a migração de pessoas para os centros urbanos, que falando línguas diferentes entre si, aprenderam o português, que se tornou língua veicular e primeira língua das próximas gerações nascidas nesse contexto histórico.

Para além das afirmações acima, os diversos estudos acerca da variedade brasileira do português postulam que há traços linguísticos que a diferenciam da variedade lusitana, essas diferenças não são suficientes para considerá-las como dois sistemas linguísticos distintos. Como exemplo de fenômeno variável entre o PB e o PE, Silva e Araujo (2020) citam os estudos realizados por Galves (1993) sobre as diferenças notáveis existentes entre o sistema pronominal e a ordem das palavras. No entanto, conforme é apontado e elucidado durante todo o texto, não há consenso quanto a essa ideia quando se trata do estatuto de variedade nacional da língua portuguesa falada nos países africanos, sobretudo no caso de Angola. Voltando-se a esse aspecto, essas investigações devem analisar não só aspectos linguísticos como sócio-históricos, a fim de promover o entendimento sobre questões como:

(i) podemos reclamar o estatuto de variedade nacional para o português falado em Angola (PA)? (ii) existem características comuns entre o português brasileiro e o português angolano e, caso existam, resultam de processos paralelos de formação, isto é, de reestruturação parcial da gramática europeia? (SILVA; ARAUJO, 2020, p. 67)

No que tange à primeira pergunta, Inverno (2004; 2009) aponta que a variedade vernacular angolana ainda está em processo de formação. Mediante dados sócio-históricos, seus estudos afirmam que a situação sociolinguística brasileira se diferencia da angolana desde os primórdios da colonização. Isso porque, no Brasil, houve a criação de uma variedade reestruturada da língua portuguesa, resultante do processo de aquisição do português como segunda língua, enquanto em Angola coexistiram no mesmo espaço as línguas africanas e a língua portuguesa, esta última sendo a língua

⁴ Para maiores informações a respeito deste tópico, sugere-se a leitura do Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique. Disponível em: <<https://www.fd.unl.pt/Anexos/Investigacao/7523.pdf>>

oficial, veicular, da administração pública e do ensino formal – fato que direciona a um alto índice de bilinguismo e manutenção das línguas *bantu* como maternas da maior parte da população. Além disso, a autora levanta os fatos de que foi somente no século XX que ocorreu a interiorização do português em Angola, que, até então, só era acessado pela elite afro-portuguesa habitante da costa. A esse respeito, Teixeira (2013) coaduna com a ideia de que um “português angolano” ainda estaria em processo de formação. As conclusões das suas investigações apontam para uma semelhança entre o PA atual e o PB do século XIX; e não descartam a hipótese de que no futuro, assim como no Brasil, alguns fenômenos variáveis constituam mudanças.

Na contramão, Figueiredo e Oliveira (2013) indicam um estatuto de nacionalidade para o português vernacular de Angola (PVA), visto que, segundo sua pesquisa, apresenta, como a variedade brasileira, “(...) diversidade relativamente ao PE, sobretudo no que concerne aos falares populares e rurais” (SILVA; ARAUJO, 2020, p.70)

Contudo, Silva e Araujo (2020) reforçam a afirmação de que é preciso mais atenção e estudos sobre a identidade sociolinguística angolana, utilizando como argumentos resultados de estudos empíricos, tanto a partir de pesquisas qualitativas, quanto de pesquisas quantitativas. Nesse sentido, os autores apresentam alguns resultados de pesquisas que analisaram, sob o aporte teórico e metodológico da Sociolinguística Variacionista, o comportamento de diferentes fenômenos morfossintáticos a partir de dados coletados no semiárido baiano e dados orais do português falado em Luanda (a variedade representante do PA).

Um estudo contrastivo entre as referidas variedades puderam apontar similaridades e diferenças existentes entre as duas variedades do português colocadas em questão. Alguns dos exemplos apontados pelos autores são: (i) os resultados de Rodrigues (2014), ao investigar a Concordância de Gênero no Sintagma Nominal; (ii) Araújo e Silva (2019), com o estudo sobre a colocação dos clíticos; (iii) Silva e Araújo (2017), ao analisar a regência variável dos verbos *assistir* e *namorar* e (iv) a pesquisa de Santos (2015), que investigou a variação na regência do verbo *ir* de movimento. Todos esses estudos **apresentam convergências** entre as variedades faladas nas comunidades de fala representantes do PB e do PA e distanciamento dessas em relação ao PE.

Com a análise dos resultados empíricos apresentados acima, é possível concluir que há certa instabilidade na variedade angolana, uma vez que a independência de Angola ainda é bastante jovem e os estudos sistematizados apontam para diferentes

direções. Dessa forma, ao fim do exposto, coadunamos com a hipótese de Inverno (2004, 2008), Teixeira (2008, 2013) e Silva e Araújo (2020) de que a variedade angolana ainda se encontra em processo de formação.

2.3 A POLÍTICA LINGUÍSTICA NA ÁFRICA

A realidade linguística dos países africanos é caracterizada por um multilinguismo generalizado, culminando em uma complexa situação sociolinguística nesse território. Tomando essa afirmação como pressuposto e considerando a coexistência no mesmo espaço de línguas autóctones africanas, asiáticas e europeias, Timbane e Tamba (2020) analisam 54 Constituições a fim de discutir como a política linguística é tratada. A partir delas, concluem que urge uma independência linguística para os países africanos, visto que, entre outras problemáticas, apesar de majoritário o número de línguas africanas, essas não ganham espaço no ensino formal e as línguas europeias são as que dominam as situações oficiais de comunicação.

É importante refletir, ainda, que as línguas, muito além de serem meros instrumentos de comunicação, carregam tradições culturais de um povo e estão intimamente ligadas a certas práticas. É o caso, por exemplo, das línguas dos povos bantu e de diversas outras línguas africanas, para as quais são “(...) um elemento santificado pelas tradições, pois é através dela que se faz o contato entre os vivos, mortos e santidades” (TIMBANE; TAMBA, 2020, p. 87).

Entretanto, essas línguas passaram, a partir das explorações dos colonizadores, a serem desvalorizadas, sobretudo nas áreas urbanas. Alcinhadas erroneamente de dialetos (TIMBANE, TAMBA, 2020), a ideologia eurocentrista levou a uma maior valorização das línguas europeias em detrimento das autóctones, fato que desestabilizou social e linguisticamente os países africanos. Ao contrário do que representa para os povos europeus, o multilinguismo, nesses países, nunca fora um entrave para os membros locais. Porém, mesmo após a independência, as línguas locais continuaram a ser desvalorizadas em nome do mito da unidade. Seguindo os fundamentos da democracia linguística, que defende que cada língua tem seu determinado momento e espaço de uso, os autores apontam o exemplo da África do Sul, cuja política linguística baseada na democracia linguística oficializa, com base na Constituição de 1996, 11 línguas das quais apenas o inglês e o fanakalo são de origem europeia.

Dado que a língua é um instrumento de poder relacionado intrinsecamente à comunidade que a fala, é importante refletir e questionar qual a situação das línguas dos países africanos e qual o espaço que as línguas oficializadas ocupam tanto politicamente quanto na vida prática, uma vez que cada um deles já conquistaram a independência e possuem sua própria Constituição. Para isso, em primeiro lugar, é necessário ter conhecimento da situação linguística na África, além do significado das diversas línguas e das culturas para africanos.

Como já exposto, o multilinguismo não é uma realidade distante ou anormal em todos os grupos étnicos no contexto africano. Dos 54 países do continente, cada um oficializa pelo menos uma língua europeia, a exemplo do inglês, do francês, do espanhol e do português. Citando o estudo de Batibo (2005), 30% das línguas do mundo estão concentradas na África que, juntas, somam entre duas mil a duas mil e quinhentas. Cabe salientar que os estudos descritivos com foco nas línguas africanas ainda estão em desenvolvimento, de modo que não se pode precisar o número exato de línguas, uma vez que as teorias das línguas europeias, com seus conceitos de língua, dialeto e variante, não podem ser aplicadas totalmente nas línguas africanas, que se dividem em quatro grandes famílias: Congo-Niger, Afro-asiático, Nilo-saariana e Khoisan – sendo a Nigero-congolês a maior das quatro.

Timbane e Tamba (2020) também explicitam que a maior crítica feita nos diversos estudos africanos é a exclusão dos crioulos do grupo de línguas africanas, embora seja sabido que fazem parte dele os crioulos da base lexical portuguesa e base gramatical das línguas bantu. Com isso, “Os crioulos e os pidgins são línguas africanas pelo fato de ter origem num território geopolítico designado a África. Sendo assim, merece ter uma classificação e organização em famílias e subfamílias, tal como aconteceu com outras línguas” (TIMBANE, TAMBA, 2020, p. 93).

Outrossim, os pesquisadores explicitam que os conceitos de língua minoritária e língua majoritária apresentam diferenças entre o contexto africano e o contexto europeu, o que faz com que muitas línguas que seriam classificadas como minoritárias em contexto eurocêntrico, sejam majoritárias no contexto dos grupos étnicos. Para estes, as línguas são consideradas majoritárias ou minoritárias a depender da importância que tenha em suas tradições e práticas culturais. A exemplo disso, os autores escrevem que:

(...) uma língua como cicopi é majoritária sob o ponto de vista do grupo étnico porque os seus falantes a usam na sua cultura, nas suas tradições. É a língua da negociação nos casamentos tradicionais, é a língua de cerimônias

tradicionais, é a língua dos ritos de passagem e, sobretudo, é a língua herdada dos antepassados/ancestrais e de comunicação com eles. (TIMBANE; TAMBA, 2020, p. 93)

Logo, é imprescindível entender não só o funcionamento do sistema linguístico, mas também os significados que as línguas carregam no seio da realidade sociolinguística local, uma vez que participam da formação da identidade sociocultural de um povo e veiculam experiências culturais (BATIBO, apud TIMBANE; TAMBA, 2005).

Entretanto, conforme já exposto, os autores reiteram que a ideologia colonial fez com que houvesse um aumento de falantes das línguas europeias, enquanto o número de falantes de línguas africanas decrescia. Nessa direção, a oficialização das línguas europeias após os países africanos conquistarem suas independências é um dos entraves para a concretização do “uso consistente de línguas maternas na educação formal dos países africanos (...)” (RODRIGUES, p. 31 apud TIMBANE; TAMBA, 2020, p. 95).

A colonização europeia impactou profundamente as políticas linguísticas locais dos povos africanos. Seu objetivo era elevar a língua dos colonos, implementando suas políticas, em detrimento das línguas locais, chegando até a proibir o uso destas em determinado período. Mesmo após a independência, quando os países africanos puderam decidir quais línguas seriam oficializadas, a maioria deles preferiu “atribuir o prestígio às línguas europeias”, o que ressoa e gera consequências na atual situação das línguas africanas. Timbane e Tamba (2020) reforçam que seus argumentos não se contrapõem a um plurilinguismo na África, mas, pelo contrário, incentiva que este ocorra desde que haja inclusão das línguas locais com equidade. Consoante aos autores, não faltam leis nos países africanos, mas é necessário encará-las com mais seriedade e respeito, cumprindo-as integralmente, ou seja, é preciso uma manutenção das políticas linguísticas já existentes e um planejamento linguístico efetivo.

Outro ponto essencial em que os autores tocam é a problemática das línguas de sinais africanas que são invisibilizadas. Para os autores, urge o fomento de pesquisas e produção de materiais didáticos com o objetivo de auxiliar no ensino e, ao mesmo tempo, proteger as línguas de sinais. Dessa forma, coadunam com os estudos de Rodrigues (2011) que sugerem um intenso trabalho entre políticos e linguistas, que devem contar com investimentos em pesquisas linguísticas, promover o uso de línguas locais no ensino formal e formular e democratizar as políticas e planejamentos linguísticos.

É na Constituição de um país em que, geralmente, está definida sua língua oficial e sua política educativa. A partir da análise das 54 Constituições, Timbane e Tamba (2020) puderam observar que, em todas elas, há a inclusão de pelo menos uma língua europeia como oficial. Eles chamam atenção para a questão da África do Sul que, embora criticada, merece reconhecimento por aplicar uma política linguística que reconhece 10 línguas africanas – do total de 11 – como oficiais. Essas línguas são oficiais nas províncias onde são faladas e o seu ensino se equipara ao da língua inglesa. Outro exemplo é a República do Senegal que oficializou línguas africanas como o Diola, o Makinké, o Poular, o Sénère, o Soninké e o Wolof.

Todavia, podemos observar que o lugar das línguas africanas nas Constituições analisadas estava relegado ao segundo ou ao terceiro plano – consequência, para os autores, da ideologia colonial que ofuscou a importância das línguas locais, fazendo com que fossem desvalorizadas e renegadas. Alguns dos países africanos, por exemplo, transferem a responsabilidade de ensinar as línguas africanas aos pais, isentando o governo da tarefa de ensiná-las nas escolas. Algumas situações são explicitadas pelos autores: na Argélia, por exemplo, o árabe é a língua nacional e oficial; a Guiné Equatorial não oficializou nenhuma língua africana, mas, em contrapartida, tem o francês, o espanhol e o português como línguas oficiais; alguns países, a exemplo de Serra Leoa, Guiné-Bissau, Somália, São Tomé e Príncipe não citam em suas Constituições qual língua, ou quais línguas, foram oficializadas. Os autores também comentam o caso da Constituição da Etiópia (de 1994) que define, no Art. 5, que “o amárico deve ser o idioma de trabalho do governo federal”, ao mesmo tempo em que afirma que “todas as línguas etíopes devem gozar de igual reconhecimento estatal”. Para Timbane e Tamba (2020), é uma vantagem que o país atribua reconhecimento para as línguas africanas que lá são faladas, mas que essa atitude pode criar desigualdade, pois é observada uma hierarquia linguística.

Nesse sentido, os autores afirmam que ainda faltam muitos aspectos das Constituições a serem explorados, mas que alguns pontos em comum já foram passíveis de observação:

- a) a presença de línguas europeias nas Constituições como se as línguas africanas fossem incapazes de realizar uma comunicação plena; b) As línguas africanas são colocadas como línguas nacionais apenas e não ascendem ao status de oficiais; c) As Constituições não propõem o ensino de línguas africanas e nem incentivam a pesquisa e a produção de materiais didáticos e culturais nessas línguas, o que a nosso ver é uma clara violação dos Direitos

Linguísticos dos Africanos; d) A formação de professores nessas línguas está longe de se realizar porque a mentalidade colonial ainda reina no seio dos africanos. (TIMBANE; TAMBA, 2020, p. 100)

Depreendemos, portanto, que nesses países, falta a proclamação de uma independência linguística, uma vez que a situação linguística africana delineada atualmente faz perceber como as políticas linguísticas pós-coloniais foram falhas em proteger e valorizar as línguas autóctones de maneira consistente. É necessário que os países africanos avancem e, para isso, acreditamos e sugerimos, alinhavado ao que defendem Timbane e Tamba (2020), que essas nações: (i) oficializem as línguas autóctones, sobretudo nos territórios onde são faladas; (ii) implementem um ensino bilíngue em todos os graus e níveis de ensino, produzindo materiais didáticos, como gramáticas e dicionários, que deem suporte à aprendizagem dos indivíduos em suas línguas; (iii) veiculem e publiquem literatura, arte e cultura em línguas locais; (iv) combatam a ideologia linguística eurocentrista e o preconceito linguístico, devendo essa ação partir do governo “por forma a que se possa elevar a autoestima e o desenvolvimento endógeno partindo da própria língua” (TIMBANE; TAMBA, 2020, p. 101).

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O GERÚNDIO E O INFINITIVO GERUNDIVO

Neste capítulo, investigamos as variações entre as formas nominais que denotam uma noção de *aspecto* contínuo em Língua Portuguesa, isto é, o *gerúndio*; e a forma infinitiva em equivalência funcional, daqui para a frente denominada *infinitivo gerundivo* (*a + infinitivo*) no português de Luanda (PL). Mencionamos abaixo as construções sintáticas em variação como forma de elucidar o que fora supracitado:

1. Estou **estudando** o português de Luanda. (*gerúndio*)
2. Estou **a estudar** o português de Luanda. (*infinitivo gerundivo*)

O objetivo geral é estudar o uso do *infinitivo gerundivo* no português luandense, o qual, perante nossa hipótese, acreditamos ser majoritário no território angolano, ou seja, convergente à realidade europeia.

O objetivo geral é examinar a variação entre as formas de gerúndio ilustradas acima, além de fornecer respostas a respeito das hipóteses apontadas na Introdução. Nesse sentido, a abordagem sincrônica que contemplamos neste trabalho tem como intuito principal descrever e avaliar os fatores que condicionam essa variação. A hipótese que esperamos validar é que, em Luanda, por ser fruto da colonização portuguesa e ligada à colônia até o século XIX e início do século XX, usará mais a forma de infinitivo gerundivo, tal como os portugueses em Portugal (BARBOSA, 1999; MOTHÉ, 2014)

Antes das análises, é necessário destacar alguns conceitos acerca do fenômeno linguístico aqui analisado, além da revisão de literatura dos trabalhos já desenvolvidos. Destacamos que não há muitos trabalhos na área da linguística que investigam a variação das formas nominais do gerúndio, principalmente nas variedades africanas. No entanto, destacaremos aqui os estudos anteriores que tivemos acesso. Nas próximas seções, elucidamos debates acerca do tema, além de apontarmos o *gerúndio* e o *infinitivo gerundivo* nas gramáticas e, por fim, o uso dessas formas no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE).

3.1 O GERÚNDIO E O INFINITIVO GERUNDIVO: ALGUNS CONCEITOS TEÓRICOS/GRAMÁTICAIS

Conforme numeráveis gramáticas tradicionais, o gerúndio no português brasileiro se faz concernente à forma nominal do verbo. Essa forma nominal representa, tal como expressa Coutinho (1972, p. 461-475), um processo verbal em curso. O renomado gramático Bechara (2001) ainda acrescenta a esse fenômeno, além da sua forma nominal do verbo, com a capacidade de desempenhar, também, a função de nome.

Além das funções gramaticais supramencionadas, o gerúndio pode desempenhar a função de um advérbio, a exemplo das orações subordinadas reduzidas de gerúndio, forma já exibida como no trabalho de Mothé (2014). Além dessas, há também a função morfológica de adjetivo, como em “o sol nascendo/ o sol nascente”. Apesar desses aspectos semânticos, na maior parte das construções sintáticas, o gerúndio expressa uma ação durativa.

Apesar das gramáticas atribuírem um maior enfoque para o gerúndio, justamente por ser a forma conservadora, há questionamentos, dentro dos estudos linguísticos, sobre como se processou o encaixamento da variante infinitivo gerundivo em Portugal. Na contemporaneidade, muitos estudiosos se dedicam em busca dessa resposta, como Barbosa (1999) e Mothé (2014). Contudo, apesar do gerúndio ser uma variante linguística predominante no PB, não significa que não seja oriunda do antepassado lusitano. Segundo Coutinho (1958, p. 371):

A língua, que os colonizadores trouxeram ao Brasil, foi a que se praticava em Portugal, no século XV. É o que nos afirmam vários autores, entre os quais João Ribeiro: “Os colonos do Brasil trouxeram no século XVI as mesmas qualidades e a mesma linguagem idiomática dos precursores da época clássica.” [...] No averbamento de brasileirismos, devemos proceder com maior cautela, para que se não tome, como nosso, o que é patrimônio comum dos dois povos.

A partir dessas considerações, destacamos, então, os diferentes usos do gerúndio e do infinitivo gerundivo na língua portuguesa, os quais numeráveis gramáticos postulam alguns conceitos morfossintáticos e semânticos, tentando descrever, nos diferentes âmbitos linguísticos, as orientações sobre esses usos. Dentro desses conceitos nas gramáticas normativas, é unânime que o gerúndio pertence a uma das formas nominais do verbo, e em alguns casos pode exercer o valor de advérbio ou adjetivo, como afirma Bechara (2001), Cunha e Cintra (2001) entre outros gramáticos.

Consequentemente, por expressar uma ideia de prolongamento, a perífrase verbal com gerúndio tem, em suas marcas de tempo e modo, uma dependência com o contexto em que aparece. Por isso, Cunha e Cintra (2001, p. 504-506) atestam duas formas de emprego do gerúndio: a forma simples, com o verbo pleno (estudando) e a forma composta (tendo estudado). No primeiro exemplo, identifica-se, semanticamente, uma ação em curso, que é explicitada pela forma simples. Em contrapartida, no segundo exemplo, há um aspecto morfossintático e semântico que indica uma ação concluída, isto é, caráter perfeito. Assim, os usos do gerúndio em sua forma simples dependem, quase sempre, da sua localização na frase.

Em suma, verifica-se diferentes visões gramaticais acerca do *gerúndio*. Entretanto, é importante reiterar que o objetivo aqui não é destacar “adequações” ou “desvios gramaticais”, mas compreender os aspectos de conservação e inovação em Língua Portuguesa. Na seção abaixo, destacaremos alguns estudos acerca do tema.

3.1.1 O tema

Inicialmente, a ideia de estudar a variação entre o *gerúndio* e o *infinitivo gerundivo* surgiu da reavaliação da questão sobre inovação x conservação em Língua Portuguesa, a qual foi atestada por Cunha (1986).

O uso do gerúndio, no Português Brasileiro, é muito recorrente, ao passo que os não especialistas da língua são capazes de fazerem alusão ao uso dessa forma em memes e outros meta-discursos. Em Portugal, em contrapartida, o uso mais frequente é do *infinitivo gerundivo*. Na investigação desse fenômeno, é habitual que se pergunte qual das formas é a inovadora e qual conserva traços do português antigo.

Segundo Oliveira (2003), as orações com aspecto gerundivo podem exercer funções sintáticas de duas formas: caráter progressivo, como veremos no exemplo 01 e 02, e com caráter de predicados secundários, como veremos no exemplo 03 e 04. Para a autora, nos dois casos o Português Brasileiro apresenta construções com o gerúndio, enquanto o Português Europeu usa, na maior parte das orações, o infinitivo gerundivo.

01- **PE:** Estava a estudar.

02- **PB:** Estava estudando.

03- **PB:** Passou muito tempo estudando.

04- **PE**: Passou muito tempo a estudar.

Contudo, é relevante compreender se o uso do gerúndio e do infinitivo gerundivo são características do PB e do PE desde a sua constituição, tendo em vista que ambas as variedades são da mesma origem. Todas as línguas, incluindo o Português Brasileiro, são uma mistura de inovação e de conservadorismo, de um lado temos usos considerados conservadores por estarem presentes na língua a mais tempo, como é o caso da aposta do gerúndio, como também temos uma série de inovações, a exemplo da concordância verbal.

Nesse sentido, segundo Simões (2007), quando se refere à passagem do latim para as línguas românicas e nomeadamente para o português, o gerúndio sempre fez parte de textos da norma-culta, a exemplo do caso dos forais e dos documentos notariais da Idade Média. Isso é a prova que o fenómeno em questão não se trata de um desvio gramatical na Língua Portuguesa, seja no Brasil, em Portugal ou em Luanda. Essa constatação do gerúndio como uma forma linguística existente na língua desde a Idade Média é importante e deveria ser amplamente divulgada, tendo em vista que é comum discursos metalinguísticos sobre o uso dessa forma – apontando-a como algo a ser substituído.

Salientamos, ainda, que é possível comprovar a presença do *gerúndio* e do *infinitivo gerundivo* a partir da leitura de alguns trechos da obra de Gil Vicente e Luis de Camões, apesar da predominância do gerúndio, o qual, como afirmamos nas hipóteses e baseado nas afirmações de Cunha (1986), é a forma nominal conservadora, a exemplo da estrofe 27 do canto I dos Lusíadas:

*Agora vedes bem que, **cometendo**
 O duvidoso mar num lenho leve,
 Por vias nunca usadas, não **temendo**
 De África e Noto a força, a mais se atreve:
 Que **havendo** tanto já que as partes **vendo**
 Onde o dia é comprido e onde breve,
 Inclina seu propósito e porfia
 A **ver** os berços onde nasce o dia.*

Notadamente, a maior parte das construções do trecho acima comprovam uma presença majoritária do gerúndio, tal afirmação nos dá indícios que a partir do século XVI, provavelmente pela relatinização das línguas românicas, o uso dessa forma conservadora seria sinônimo de “falar bem” e estaria ligado aos padrões gramaticais normativos daquela época.

Todavia, a inovação da forma *estar a + infinitivo* se deu no português europeu, em substituição do gerúndio, a partir do português clássico, segundo Simões (2007). Apesar dessa relevante afirmação, é fulcral apontar outros estudos acerca da presença do gerúndio e do infinitivo gerundivo no português, a fim de encontrarmos resposta a respeito do avanço do infinitivo gerundivo no PE. Nas próximas seções, nos debruçaremos nos estudos de Mattoso Câmara (1976); Barbosa (1999); Lipski (2003) e Mothé (2006). Deixamos claro, mais uma vez, que, infelizmente, não encontramos estudos que tratam dessa temática em variedades africanas. Como forma de aprofundar a pesquisa para esse fenômeno em outras comunidades de fala, recorreremos ao programa computacional *Harzing* (2007)⁵, mas esse, apesar da sua imensidão bibliográfica, nos apresentou trabalhos sobre o gerúndio com natureza fonológica. No entanto, cabe-nos, nesta pesquisa, a investigação da referida forma linguística como um fenômeno morfossintático. Por isso, a maior parte das referências aqui encontradas estão relacionadas ao PB e ao PE, inclusive parte significativa desses trabalhos foram apontadas pelo *Harzing* (2007).

3.1.2 As teorias da conservação e inovação no PB e no PE

Há muitos estudos da linguística que buscam explicar a diferença entre o PB e o PE, além da hipótese que o Brasil tende a conservar alguns aspectos do Português Arcaico, ao passo que Portugal teria inovado. Essas afirmações e pressuposições são defendidas por muitos pesquisadores, dentre os quais se destacam Serafim da Silva Neto, o qual se concentrou nos estudos de aspectos do português e contribuiu, positivamente, com vasta obra na área, a saber: *Introdução aos estudos da língua*

5 Harzing, A.W. Publish or Perish, 2007, Disponível em < <https://harzing.com/resources/publish-or-perish>>, acesso em: <10/12/2021>

portuguesa no Brasil (1950) e *História da Língua Portuguesa*, publicada entre 1952 e 1957.

Além de Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, grande pesquisador dos aspectos sintáticos do português, também traz inúmeras contribuições sobre as teorias de conservação e inovação no português do Brasil, a exemplo do seu trabalho anterior, o qual fora publicado em 1986 na revista literária *O eixo e a roda*, publicação que traz alguns fenômenos que foram conservados no PB.

Entre as numeráveis diferenças entre as duas variedades- PB e PE- destacamos o uso das perífrases verbais que se referem ao aspecto verbal durativo, que no PB é denominado e caracterizado com o verbo auxiliar mais o gerúndio- *está estudando* -, ao passo que no PE se constrói com o verbo auxiliar mais o infinitivo preposicionado – *está a estudar*. De acordo com Cunha (1986), a perífrase usada no Brasil configura um aspecto conservador da língua porque essa já era usada no Português Arcaico, ao contrário do *infinitivo gerundivo*, que só passou a ser utilizado no final do século XVIII e no início do século XIX.

A partir dessas considerações, pretendemos, por meio da investigação de renomados trabalhos já desenvolvidos, verificar o uso das perífrases com *gerúndio* e *infinitivo gerundivo* no português, além de tentar compreender se as construções com gerúndio são realmente uma herança do Português Arcaico que se perpetua, na contemporaneidade, do PB.

Conforme Lipski (2003), somente a partir do século XIX que há os primeiros indícios do uso do verbo auxiliar *estar* junto com a preposição *a* e o *infinitivo* com aspecto durativo nos textos literários. Ademais, segundo Mattoso Câmara (1976), o gerúndio era utilizado plenamente no PB desde o seu período arcaico, enquanto o infinitivo gerundivo foi uma inovação dentro do dialeto de Lisboa. Barbosa (1999), em sua tese de doutoramento, também atesta que o gerúndio é, no português brasileiro, um fenômeno linguístico de conservação estrutural. Por outro lado, Mothé (2007; 2014), na sua dissertação de mestrado e tese de doutorado, acabou encontrando, a partir da análise de *corpus* informatizado, o avanço de infinitivo gerundivo a partir do século XX. Posto isso, notamos que o fenômeno em questão é relativamente recente, inovador, ao contrário do outro recorrente desde o português arcaico.

Nesse sentido, denota-se as marcas conservadoras no português brasileiro, as quais trazem traços marcantes dos séculos XVI e XVII, que chegaram até o Brasil por meio de indivíduos de diferentes regiões de Portugal, cuja fala, característica do seu

tempo, tinha marcas mais conservadoras ou inovadoras, e referente à forma conservadora, aqui já citada, com origem do Norte mais conservador, conforme Cunha (1986).

Coincidentemente, é possível inferir os aspectos das perífrases verbais no PB e no PE a partir de resquícios de seus antepassados linguísticos, tendo como contraponto os estudos variacionistas de perspectiva sincrônica e diacrônica. Nesse contexto, é importante apontar as línguas e sua história externa, as quais estão relacionadas às funções sociais, às relações com a(s) comunidade(s) de fala, além de outros fatores relevantes. A esse respeito, Ilari e Basso (2011) defendem a ideia de as línguas terem uma história externa, principalmente os aspectos de cunho social. Mas para além desses, há a história interna da língua, em especial os fatores de ordem morfossintática.

Nesse contexto, a construção com o verbo auxiliar - estar, andar, entre outros -, seguida do gerúndio, também é frequente no PB, segundo Cunha (1986). Por outro lado, alguns estudos comparativos, a exemplo de Mothé (2014), apontam que os portugueses começaram a usar o verbo auxiliar seguido de preposição e infinitivo entre os séculos XVIII e XIX, mas que seu uso se tornou consolidado em meados da primeira metade do século XX, independentemente de fatores sociais, a exemplo de regiões socialmente mais conservadoras. No século XIX, escritores portugueses como Eça de Queirós utilizavam a perífrase verbal com gerúndio. Nesse sentido, analisa-se, a partir desses estudos, que o uso do infinitivo gerundivo se tornou majoritário, no português europeu, a partir do século XX. Assim, constatamos, ainda, o gerúndio como um item do vernáculo em muitos contextos da Língua Portuguesa. Para isso, nas próximas seções aprofundaremos essas hipóteses e teorias por meio dos resultados de alguns renomados trabalhos na área.

3.2 GERÚNDIO E INFINITIVO GERUNDIVO: A TEORIA DA INOVAÇÃO E CONSERVAÇÃO POR BARBOSA (1999)

Barbosa (1999), em sua tese de doutorado, investiga o Português Clássico no Brasil do final do século XVIII. As normas linguísticas lusitana e brasileira, como bem lembra o pesquisador, interagiram, lado a lado, nos povoados dispersos pelo território tupiniquim durante um determinado período. Por essa razão, muitos dos chamados traços de conservação do Português do Brasil poderia ser explicado de um lado pelas

marcas dos milhares de portugueses estabelecidos na colônia como também por conta das atividades de exploração econômica.

Na tese de Barbosa (1999), interessa-nos, particularmente, a discussão realizada no capítulo 4 em que o pesquisador apresenta a distribuição e a variação entre a forma nominal de gerúndio e o infinitivo gerundivo. Como já destacado em outras pesquisas, o infinitivo gerundivo é uma mudança em Portugal, enquanto o Brasil conservou a forma nominal do gerúndio. Isso é confirmado pelo autor quando destaca que o registo do infinitivo gerundivo, embora raro em língua portuguesa do Brasil, remonta à fase arcaica. Na própria edição da *Demanda do Santo Graal*, por exemplo, já se registrava a variante funcional do gerúndio formando uma construção perifrástica com o auxiliar ‘estar’.

Por meio de uma análise variacionista, com auxílio do VARBRUL (PINTZUK, 1988), Barbosa (1999) verifica o que ele chama de cambialidade perfeita entre a forma nominal de gerúndio e o infinitivo gerundivo. Os *corpora* são textos escritos do séc. XVIII. Para isso, o autor começa a sua análise com a variável dependente sendo cruzada ao tipo de verbo.

Dos 277 dados gerais do grupo tipo de verbo, chama atenção o contraste do relativo equilíbrio dos percentuais de infinitivo gerundivo entre (i) os verbos plenos, não perifrásticos (33% - 8 dados) e (ii) os verbos SER (33% - 8 dados) e ESTAR (29% - 7 dados) *versus* o desequilíbrio entre os mesmos tipos de verbo quando a forma variante é nominal de gerúndio, a saber: 85% de verbos plenos, o que equivale a 216 dados, nenhuma ocorrência do verbo SER e 10% do verbo *estar*, totalizando 25 dados. Logo, a forma *infinitivo gerundivo* se distribui melhor entre os verbos plenos e auxiliares que a forma gerúndio.

Outro cruzamento é realizado por Barbosa (1999) com o tipo de enunciado e a variável dependente. Neste grupo de fator, encontramos as (i) orações coordenadas, que são os enunciados simples, sentenças absolutas, coordenadas sindéticas, assindética; (ii) orações principais, a sentença em função da qual está uma subordinada; (iii) temporal; (iv) modal; (v) condicional; (vi) final e (vii) oração relativa, ligada a um *nome*. Neste cruzamento, os dados da forma nominal de gerúndio concentram-se nas orações coordenadas, com um total de 154 dados (65%), enquanto os dados de infinitivo gerundivo foram significativamente menores 8 dados.

Em relação ao tipo de texto, são três os tipos de textos coloniais que constituem a amostra e o grupo de fatores extralinguístico: (i) cartas particulares – missivas

trocadas em circulação particular, com assunto particular e por interessados em condição de *pessoa física*, (ii) cartas de comércio, que foram trocadas em circulação privada, com assuntos particulares em que pelo menos uma das pessoas esteja em condição de pessoa jurídica e (iii) documentos oficiais, cartas da administração colonial em circulação pública, com assunto oficial ou de requerimento pessoal junto à estrutura de poder.

Ao estabelecer o cruzamento entre a variável dependente e o tipo de texto em questão, foi possível observar a seguinte distribuição da forma nominal de gerúndio: 90 dados em cartas de comércio (33%), 32 dados em cartas particulares (12%) e 151 dados em documentos oficiais (55%), enquanto para a forma de infinitivo tem-se: 16 dados em cartas de comércio (67%), 2 dados (8%) em cartas particulares e, por fim, 6 dados (25%) em documentos oficiais. É interessante verificarmos a distribuição dos dados nas cartas de comércio em que, como trata Barbosa (1999), “exige um grau de cerimônia normal” (p. 236), enquanto os documentos oficiais, o contraste deste, “exige um grau maior de cerimônia” (p. 236), o que implica dizer que há uma diferença de formalidade entre as duas produções.

De modo geral, o pesquisador destaca que de 293 dados (antes de excluir 16 dados não intercambiáveis), 253 (92%) são da forma nominal gerúndio e 24 dados (8%) da forma nova infinitivo gerundivo. Barbosa (1999) informa que, no que se refere à forma nova *infinitivo gerundivo*, trata-se de “uma variação em estágio inicial de implementação” (BARBOSA, 1999, p. 237) isso porque um percentual semelhante de 10% de infinitivo gerundivo foi encontrado por Maller, em 1972, nos diálogos nas peças populares portuguesas no final do século XVIII.

Quando as análises são rodadas tendo o valor de aplicação o infinitivo gerundivo, foi possível observar que, no que se refere ao tipo de verbo e tipo de enunciado (oração), a implementação dessa variante se dá nos verbos auxiliares ‘ser’ e ‘estar’, quando estes são funcionalmente equivalentes e se encaixa nas orações circunstâncias temporais, condicionais e modais.

Sendo assim, é possível confirmar que, no PB, a forma de infinitivo mais gerundivo começa a aparecer a ser implementada, enquanto a forma nominal é mais antiga e, portanto, mais disseminada nos documentos do século XVIII analisados. Atestamos, também, que a forma *infinitivo gerundivo* se generalizou na sociedade portuguesa de tal forma que, atualmente, se apresenta como um dos “contrates mais

contundentes da variantes europeia da língua portuguesa face à brasileira” (BARBOSA, 1999, p. 248).

3.3 O GERÚNDIO E O INFINITIVO GERUNDIVO NO PB E NO PE POR MOTHÉ (2014)

Ao se falar de Brasil, em vias sociocomportamentais, o país é representado como símbolo de inovação em vários aspectos, quando comparado ao país de Portugal. Porém, há, aqui, um cenário tradicionalista, pouco difundido, especialmente no que tange a alguns fenômenos linguísticos, entre eles o uso do *gerúndio*. Nesse sentido, os portugueses foram gradativamente o substituindo pela estrutura ‘a + infinitivo’, enquanto que o Brasil manteve sua forma clássica/conservadora⁶. Em seu artigo “Gerúndio versus Infinitivo Gerundivo: Brasil e Portugal em contrastes no século XIX e XX”, Mothé (2007) tenciona questões com relação ao avanço do *infinitivo gerundivo* em Portugal, levando em consideração a utilização frequente dessa forma e os condicionamentos que propiciaram a respectiva variação.

A princípio, com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística de base laboviana, Mothé (2014) amplia seus estudos em Sociolinguística Histórica, na perspectiva de verificar fatores que condicionaram o avanço do *infinitivo gerundivo* em terras lusas e como essa construção se prolifera ao longo do século XX e do espaço do território lusitano. Por meio da sua tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, “Notícias de além-mar: variação e mudança no uso de infinitivo gerundivo no português europeu ao longo do século XX”, é constatado como o avanço do *infinitivo gerundivo* em Portugal foi mais significativo em diferentes fases ao longo do referente século. “Na virada da década de 1920 para 1930; depois, na virada da década de 1950 para 1960; e ao fim do século XX, entre as décadas de 1980 e 1990” (MOTHÉ, 2014, p. 9).

Dessa forma, tal avanço, segundo seus dados, se refletiria nas construções perifrásticas indicadas pela formação de *verbos auxiliares + a + infinitivo*. A exemplo, a construção *estar + a + infinitivo* encontra-se inserida nos sistemas de fala oral há muito tempo, sem que haja predominância de preconceito linguístico por parte dos falantes

⁶ Segundo Silva Neto (1960), o Português do Brasil é mais conservador em aspectos fonéticos/fonológicos e lexicais.

tradicionalistas da época. A esse respeito, Gonçalves Viana, em texto datado de 1890-1892, infere que:

Em vários artigos de bastante interesse pelo seu assunto, publicados em números consecutivos da revista americana <<Modern Language Notes>>, no anno de 1888, e intitulados *The Gerundial Construction in the Romanic Languages*, cita o seu autor, o sr. Samuel Garner, as frases portuguesas em que os verbos andar e ir, seguidos de jerundio em -ndo (e poderia acrescentar, dos infinitos precedidos da preposição a, de mais frequente emprego do que aquelle), denotam acção <<demorada, continuada>>, diferenciando-se o primeiro dêstes auxiliares em expressar tal acção, como frequentativa. [...] Em castelhano o emprêgo do jerundio é análogo ao do português; não são porém usadas as linguajens de infinito precedido de a, que neste último tendem cada vez mais a substituí-lo, mormente na conversação e no estilo espontâneo. (GONÇALVES VIANA, 1890-1892, p. 76-77)

A ideia difundida por Gonçalves Viana se torna preciosa para os estudos de Mothé, pois pode-se comprovar que, apesar da pouca frequência em textos escritos, na época, o *infinitivo gerundivo* já era difundido oralmente em Portugal. Apesar disso, não havia trabalhos na área de Sociolinguística Histórica a respeito dessa variação entre as duas formas gerundivas. Atualmente, já sabemos que o país emprega de modo recorrente a forma perifrástica, enquanto o Brasil utiliza em demasiados contextos de fala o *gerúndio*.

A respeito do preconceito em Portugal, pesquisadores atuantes continuam registrando estudos sobre os dialetos meridionais – Alentejo e Algarve – apontando o alto nível de conservadorismo com relação ao uso do *gerúndio*. Pesquisas em dialetologia mostram que, de fato, a forma nominal *gerúndio*, especialmente quando acompanhada do verbo auxiliar estar, aparece quase que exclusivamente apenas nessas regiões (CARRILHO E PEREIRA, 2011). Em complemento ao pensamento difundido, Mothé (2014), em sua tese, comunica uma experiência pessoal vivenciada em Portugal:

Durante minha visita a Portugal em 2011, financiada parcialmente pelo projeto de pesquisa do qual faz parte meu orientador, e também durante meu estágio de bolsa sanduíche, em 2013, financiado pelo CNPq, constatei que existe, tanto entre os cidadãos leigos quanto entre pesquisadores da área de linguística, um certo “pré-conceito” quanto ao uso do gerúndio, sobretudo em relação ao dialeto alentejano (MOTHÉ, 2014, p. 34)

Em posição análoga, a autora ainda faz um comparativo entre a forma discriminatória, na qual são tratadas os alentejanos e baianos quando fazem uso do *gerúndio/infinitivo gerundivo*. “No imaginário coletivo e estereotipado do português médio, os alentejanos muitas vezes são vistos como preguiçosos, lentos, mansos,

simpáticos e usuários de gerúndio”, (MOTHÉ, 2014, p. 42). A exemplo, em anedotas sobre alentejanos, é comum ouvir um português utilizar o *gerúndio* e diminuir a frequência rítmica da fala para tentar reproduzir o sotaque da região. Porém, por meio de pesquisas – como a de Mothé (2014) – e dados quantitativos, é possível constatar que houve um avanço considerável do *infinitivo gerundivo* em regiões conservadoras e essa percepção extrapola o universo acadêmico.

Justamente por isso, é necessário que casos de conservação e de inovação em Língua Portuguesa sejam controlados não apenas para a construção da História da Língua Portuguesa, mas também para evitar que o preconceito linguístico prolifere o ideal de Portugal como dono da língua. Para compor sua pesquisa, Mothé (2014) utilizou como referencial teórico, para além dos trabalhos de Maler (1972), os de Barbosa (1999) e de Menon (2004), que pesquisaram quantitativamente a variação *gerúndio* x *infinitivo gerundivo* no PB e no PE em diferentes *corpora*, utilizando o princípio básico da Sociolinguística que, aos preceitos de Labov, na década de 1960, “todas as línguas humanas vivas mudam”, daí a sua teoria também ser conhecida como *Teoria da Variação e Mudança*. Isso implica dizer que todas as línguas possuem mais de uma forma de ‘dizer a mesma coisa’.

A autora ainda afirma que o objeto de estudo da presente tese se desmembra sob a variação no uso entre construções que indicam aspecto progressivo em Língua Portuguesa. Além da utilização dos pressupostos da Sociolinguística Histórica de base laboviana, tais pressupostos são os mesmos estabelecidos em sua investigação prévia, Mothé (2007). Nessa perspectiva, entende-se que as formas em variação num determinado fenômeno da língua são chamadas de variantes e cada conjunto de variantes em oposição é denominado variável sociolinguística. A respeito das variantes em análise, essas seriam, de todo modo, construções em *gerúndio* e em *infinitivo gerundivo*. Para a Teoria da Variação as duas formas coexistem no Português Europeu por séculos e, isso, é perfeitamente aceitável.

Nesse enquadramento, o estudo realizado contribui de maneira assertiva com relação à presente pesquisa. Contudo, já sabemos os resultados gerais da frequência do uso do *gerúndio* e do *infinitivo gerundivo* no Português Europeu e no Português Brasileiro, mas no que se refere ao Português de Luanda, ainda há uma lacuna voltada para esse fenômeno linguístico, pois não há respostas sobre os fatores que condicionam a preferência para uma das perífrases verbais.

Ocasionalmente, levantamos a hipótese que, por conta de um período recente e sistemático da colonização em Angola, a variante com maior predominância seria a que foi levada pelos portugueses, ou seja, a forma perifrástica. Diante disso, investigar os aspectos voltados ao referente fenômeno, na capital de Angola, será o ponto central da última seção. Contudo, para encontrar essas possíveis respostas, é necessário trilhar caminhos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Laboviana.

3.4 ASPECTOS DA HIPÓTESE CONSERVADORA DA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO POR OLIVEIRA (2017)

As diferenças entre o PB e o PE é foco de discussão por diversos pesquisadores da linguagem, especialmente recobrando os níveis fonético-fonológico, morfológico e sintático. A partir da investigação da diferença entre as duas variedades, surge a hipótese conservadora (arcaizante), que aponta que grande parte das diferenças entre as duas vertentes do português se deve ao fato de que o PB conservou mais traços do Português Arcaico, enquanto o PE teria inovado em relação a esses aspectos

O artigo de Lélia de Oliveira, sobre a perífrase com gerúndio e com infinitivo preposicionado, parte da investigação e revisitação de um dos aspectos da hipótese conservadora da formação do Português Brasileiro. Fruto de um trabalho de conclusão de curso e publicado na Revista Argumentos, Oliveira (2017) analisa o uso de perífrases verbais com gerúndio e com infinitivo preposicionado em textos autênticos (não literários) de Portugal e do Brasil. Com dados produzidos entre os séculos XVI e XX em Portugal e entre os séculos XVIII e XX no Brasil, a pesquisadora busca reunir dados que possibilitem argumentar a favor ou contra o que defende a hipótese conservadora. Para os adeptos a essa hipótese, o uso da perífrase é uma herança do Português Arcaico que perdura no Português Brasileiro.

No que se refere às perífrases verbais relativas ao aspecto verbal durativo, a construção no PB se dá com o verbo auxiliar mais o gerúndio (p. ex. estar fazendo) e no PE a partir do verbo auxiliar mais o infinitivo preposicionados (p. ex. estar a fazer). O *corpus* em que esses dados foram analisados conta com 80 textos autênticos, dentre os quais se destacam os seguintes gêneros: jornalístico, notícia, reportagem e o editorial. Dos 80 textos, 47 apresentaram ocorrências, sendo 22 produzidos no Brasil e 25 produzidos em Portugal. No tocante à ocorrência do fenômeno em questão, 129 dados são do português PB e 69 dados no PE.

Dos 69 dados do PE, 14 são perífrases com infinitivo preposicionado, sendo 8 dados do século XIX e 6 do século XX. Isso mostra que a perífrase com infinitivo preposicionado é relativamente recente em Portugal, diferente da perífrase com o gerúndio que já apresentou 8 ocorrências de uso no século XVI. Esse é o primeiro indício de que este fenômeno exista desde o Português Arcaico, apontando então para o aspecto conservador deste uso. Ainda sobre esses dados, Oliveira (2017) ilustra com os textos autênticos que mesmo em textos que foram encontrados o uso de perífrases com infinitivo preposicionado também se encontrava a perífrase com gerúndio. Tal fato ilustra, conforme a pesquisadora destaca, o período de transição no uso dessas formas, que surgem, potencialmente, como formas concorrentes.

Nos dados do PB, apenas 6 dados de perífrase com infinitivo preposicionado foram encontrados, a esmagadora maioria das ocorrências (123 dados) são de perífrase com gerúndio. Desses, 80 dados com gerúndio são de textos no século XX. De maneira geral, Oliveira (2017) destaca que os dados encontrados mostram que o número de ocorrências, tanto em PE quanto em PB, seja a perífrase com gerúndio seja com infinitivo preposicionado, é consideravelmente menor no Português Europeu, o que sinaliza para o fato do uso deste fenômeno ser mais comum no Brasil que em Portugal. Além disso, enquanto no PE o uso da perífrase com gerúndio diminui com o avançar dos séculos, no português há não só a preservação do uso como o aumento significativo desse uso.

Em seu estudo, Oliveira (2017) destaca o papel dos verbos auxiliares na estratificação da amostra. Dentre os verbos encontrados, destaca-se que os mais frequentes na amostra foram ‘estar’ e ‘ir’, o primeiro se destacou no que se refere à frequência, enquanto o segundo foi recorrente em todos os séculos, tanto em PE quanto em PB. Ainda sobre o verbo ‘estar’, ele foi o mais frequente na perífrase com gerúndio, 48 dados no século XX da amostra de textos do Brasil. O cenário sociolinguístico de Portugal é relativamente diferente, dado que o mesmo verbo ‘estar’, também no século XX, não apresentou nenhum dado, diferente do século XIX em que ainda era possível contar com 10 dados de estar + gerúndio.

Na mesma esteira, Oliveira (2017) também analisa o uso dos pronomes e a posição deles diante a perífrase com gerúndio. Em seus dados, foi possível verificar que, nos dados analisados, a posição dos pronomes, em geral os oblíquos átonos, se altera ao longo do tempo. Na amostra do Português Brasileiro, a posição anterior ao **verbo auxiliar** foi a mais recorrente nos séculos XVIII e XIX, enquanto no século XX,

encontra-se mais casos com o pronome posicionado antes do **verbo principal**. Isso ajuda a reforçar a ideia de que os dados em questão apontam para um aspecto inovador (no que se refere à posição dos pronomes) dentro do PB, considerando que este é o uso recorrente (pronome posicionado antes do verbo principal) nos dias de hoje.

Para ilustrar os casos em que os pronomes apareciam antes do verbo auxiliar nos séculos XVIII e XIX, Oliveira (2017, p. 59) compartilha os seguintes exemplos: (i) “[...] o que fez foi procurar adouz da Sua parSelidade antiga, e Se posera no pátio de São Bento, a espera do dito escrivão, que **Se achava ouvindo** misa, no mesmo Convento, para em Sahindo lhe dar muita pancada, o que o faria Senão ouve Se quem a Cudise, [...].(1769)” e (ii) A civilisação que **se vai introduzindo** na Costa d’Africa, o empenho de quasi todas as nações em findar este commercio horrivel [...].(1826). Para o século XX, a colocação do pronome antes do verbo principal é ilustrada como em: (iii) “Elza Soares, a linda loura, miss Escola Rivadavia Correa, faz uma pausa. **Está se lembrando** daquelle jogo, tão triste para ella, [...].(1938) e (iv) “O Globo Sportivo **está me perguntando** como eu torço. [...]. (1938)”.

No mesmo caminho, a amostra portuguesa do PE também apresenta comportamento semelhante ao PB no tocante à posição do pronome no entorno das perífrases com gerúndio. A posição antes do **verbo auxiliar** é recorrente nos séculos XVII, XVIII e XIX, enquanto os casos em que o pronome figura antes do **verbo principal** foram mais recorrentes nos séculos XVIII e XX. Tal como no PB não foi encontrado ocorrências de perífrase com infinitivo preposicionado acompanhada de pronomes.

Em síntese, Oliveira (2017) defende que os seus dados se alinham à hipótese conservadora, dado que a perífrase com gerúndio é uma herança do Português Arcaico que permaneceu no PB, mantendo-se até hoje. Nos dados apresentados, o uso da perífrase com gerúndio em PB começa no século XVIII e vai aumentando gradativamente, enquanto no PE observa-se uma diminuição do uso deste fenômeno e um favorecimento da perífrase com infinitivo preposicionado. Nesse sentido, a pesquisadora esclarece que o Português Europeu inova quando passa usar a perífrase com infinitivo do século XVIII e início do século XIX. Essa suposição se alinhou ao que defendia Cunha (1986).

4 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nesta seção, apresentaremos os principais conceitos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e os percursos metodológicos adotados para a execução da presente investigação que tem como foco analisar a variação no uso do gerúndio e do infinitivo gerundivo.

Esta pesquisa teve como fundamento a teoria da Sociolinguística Variacionista, que foi estabelecida por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). Tal corrente teórica concebe a língua como um sistema heterogêneo, sendo essa heterogeneidade linguística ordenada, a qual está em constante variação e mudança. Essa teoria foi adotada por aferir, por meio de sua metodologia de cunho quantitativo, a interferência de fatores estruturais e sociais na regulação de fenômenos linguísticos em variação.

Vale ressaltar que, para iniciar as discussões sobre a Teoria da Variação, é necessário compreender, antes de tudo, que as línguas são organismos vivos plurisseculares e que, ao longo de seu tempo histórico, elas sofreram/sofrem algumas alterações, as quais os sociolinguistas denominam de processos de variação e mudança. A língua muda em diferentes níveis, há mudanças fônicas, mórficas, sintáticas e léxico-semânticas, dentre essas mudanças, que constituem objetos de estudos da Sociolinguística, a morfossintática é a que nos interessa nesse trabalho

4.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Por intermédio do ramo da Linguística, é possível confirmar ideias antes ignoradas pelo Estruturalismo, por exemplo: o fato de que a língua é heterogênea e de que essa heterogeneidade pode ser sistematizada, sendo a variação condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam no uso da língua. Dentro desta perspectiva, a Sociolinguística busca descrever e explicar fenômenos linguísticos variáveis a partir da língua em uso em situações reais de comunicação.

Os estudos que atualmente buscam explicar a relação entre língua e sociedade são frutos da proposta de análise contida em *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* (1968), em que Weinreich, Labov e Herzog se propõem a estudar a gramática de uma dada comunidade de fala, buscando explicar o funcionamento dessa gramática por meio dos seus aspectos internos e externos.

Nesse sentido, a Sociolinguística intenta analisar a variação e a mudança em uma comunidade de fala, uma vez que,

[...] depois de uma revisão crítica do pensamento neogramático e do estruturalismo saussuriano, em que apontam os paradoxos introduzidos pelos imanentistas na reflexão histórica com sua concepção homogeneizante de língua – aqueles autores, revendo trabalhos empíricos de dialetologia e sociolinguística com implicações para a compreensão da mudança, delineiam uma estratégia geral que se apoia justamente nesses fundamentos empíricos para estudar a mudança linguística (FARACO, 2005, p. 189).

Com relação ao fato de a língua ser simultaneamente heterogênea e ordenada, Labov (2008 [1972]) considera que o sistema abarca regras categóricas e regras variáveis. Dizemos que uma regra é categórica quando não permite exceções, havendo registro de 100% de uma forma. Por outro lado, as regras variáveis admitem mais de uma possibilidade de realização, as quais não se dão aleatoriamente, mas sempre condicionadas por fatores linguísticos, extralinguísticos ou estilísticos.

Os processos de mudanças linguísticas que ocorrem nas comunidades de fala são de grande interesse para a Sociolinguística. No que se refere à comunidade de fala, segundo Labov (2008 [1972]), trata-se de um grupo de falantes que não fala da mesma maneira, mas que compartilha características linguísticas, assim como partilha normas e atitudes quanto à língua, o que diferencia a comunidade A da comunidade B.

Diante do pensamento laboviano, depreendemos que a língua, um sistema heterogêneo, precisa ser estudada por meio da coletividade (a comunidade) e não apenas do indivíduo. Nessa perspectiva, Labov (2008 [1972]) nos faz pensar, de forma crítica e aprofundada, a relação existente entre sociedade e língua. Por isso, para a Sociolinguística, interessa o funcionamento da língua/da gramática da comunidade, não sendo considerado o falante de forma isolada, mas como integrante da comunidade que se deseja estudar. Dessa forma, essa teoria defende a variabilidade não é caótica, assim como considerou o Estruturalismo, mas como ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

De acordo com os pressupostos da Sociolinguística laboviana, não se pode pensar na língua como uma variedade idealizada como descrita por algumas gramáticas normativas. Por conseguinte, é necessário pensá-la como uma variedade real, pois esse uso nem sempre está de acordo com o que se tem como padrão, como afirma Labov (2008 [1972]).

Além disso, como afirmamos acima, é necessário entender alguns conceitos variacionistas. A questão do tempo é fundamental para o estudo da variação e da mudança, já que as mudanças precisam de um determinado tempo e processo para serem implementadas. Nesse sentido, dois conceitos são fundamentais para entender diferentes perspectivas dos estudos da mudança, o tempo real e o tempo aparente. Com relação ao estudo em tempo real, Labov (2008 [1972]) destaca que é necessário verificar o quanto a frequência de aplicação de uma determinada regra variável se alterou ou não de um período específico a outro. Pode ser de longa duração – análise de século – e de curta duração – 12 a 50 anos de diferença, aproximadamente. Já o estudo em tempo aparente analisa as mudanças em progresso, por meio da investigação de variáveis em diferentes faixas etárias para observar se acontecem mais em uma faixa etária do que em outra (ex.: crianças e idosos), sendo que o uso mais elevado de ocorrência da forma nova na fala de jovens pode indicar mudança em curso.

Há duas abordagens básicas de obtenção de dados em tempo real: o recontato dos mesmos falantes em período posterior (painel) ou a constituição de uma nova amostra representativa com outros informantes, com vistas a comparar as duas amostras de uma mesma comunidade de fala – estudo tendência.

O estudo da mudança em tempo aparente é feito observando o comportamento linguístico de falantes em diversas faixas etárias, mas só o estudo em tempo real poderá esclarecer se é mudança ou gradação etária, já que se compara a fala de um mesmo informante em dois momentos distintos.

Outrossim, a pesquisa sociolinguística é feita por meio de registros da fala de indivíduos que pertencem a uma determinada comunidade de fala para que se investigue a variável linguística em foco. Esse modelo teórico abarca uma metodologia específica a ser empregada, com a finalidade de sistematizar um fenômeno linguístico.

De acordo com Tarallo (1986), para se realizar uma pesquisa desse nível há que se escolher o tema para estudo, delimitando-o. A sociolinguística tem que, primeiramente, detalhar o seu objeto de estudo, buscando subsídios em trabalhos já realizados para saber o perfil das variantes, em que ambiente ocorre a variação e os possíveis condicionadores linguísticos.

Após a escolha do seu objeto de estudo, o pesquisador organiza seus informantes por intermédio dos grupos de fatores considerados externos à língua que correspondem às suas hipóteses. Podemos citar como exemplo: nível de escolaridade, faixa etária,

localidade, sexo/gênero, nível socioeconômico, entre outros fatores. É necessário informar sobre a comunidade, a sua história e a sua formação.

Por questões éticas, o informante deve ser avisado e o documentador precisa deixá-lo muito à vontade para responder às perguntas, procurando sempre situações naturais de comunicação, a exemplo de narrativas de situações bem pessoais e evitando falar a palavra “língua”. Após a gravação da entrevista, a próxima etapa é a transcrição da fala, feito isso é necessário buscar os dados a serem analisados na pesquisa – momento de identificar as variantes do estudo – e verificar quantitativamente os fatores que influenciam/condicionam a variação. O material coletado que será usado nesse trabalho segue as etapas mencionadas acima.

Ademais, há programas computacionais, como o VARBRUL 2S – versão em Windows – e o GoldVarb, que fornecem suporte estatístico, gerando frequências absolutas, porcentagem e pesos relativos para cada grupo de fatores. Para Labov (2008 [1972]), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável (variável linguística). Assim, para a pesquisa sociolinguística, necessita-se do uso de modelos matemático-estatísticos que auxiliem o pesquisador na análise de fenômenos variáveis.

O GoldVarb é, indubitavelmente, o programa que apresenta maior eficácia para o reconhecimento dos fatores que interferem na variação linguística estudada, pois ele traz recursos seguros e já utilizados em outras renomadas pesquisas. Assim sendo, essa função estatística tem a finalidade de medir o efeito relativo das variáveis independentes ou dos grupos de fatores, concebendo os pesos relativos associados a cada fator de cada variável independente em sucessivas análises que são frequências corrigidas na prática (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

O programa é, ainda, capaz de apontar que os valores acima de .50 são favorecedores de uma dada variante, abaixo de .50 são desfavorecedores e próximo a .50, irrelevante. Por isso, é importante que, por meio dos resultados concedidos pelo GoldVarb, consigamos compreender e interpretar quais os fatores que condicionam as variantes usadas pelos participantes.

Salientamos que programas matemático-estatísticos como o GoldVarb contribuem, de forma significativa, para as pesquisas sociolinguísticas, pois são os responsáveis pelos resultados que explicitam os contextos favorecedores internos e externos de diferentes fenômenos linguísticos.

Destarte, a interpretação dos resultados é a última fase da pesquisa, quando já se tem em mãos as informações necessárias, os dados quantificados. Cabe ao pesquisador analisá-los de acordo com a teoria sociolinguística e a sua própria percepção detalhada e sensível diante do fenômeno estudado. É importante salientar que o programa computacional, por meio dos percentuais e dos pesos relativos, seleciona os grupos de fatores estatisticamente significativos e elimina os demais.

De modo geral, essas são as principais informações para a abordagem metodológica da sociolinguística. Na próxima seção, apresentaremos detalhadamente os critérios metodológicos escolhidos para esta pesquisa.

4.2 DESCRIÇÃO DO *CORPUS* E OS PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DESTA PESQUISA

O presente trabalho, de cunho quantitativo, baseia-se em dados de fala espontânea gravados em Luanda por voluntários nativos da cidade, com duração de 10 a 60 minutos, cada entrevista, realizadas de acordo com as técnicas de pesquisa sociolinguística propostas por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), a fim de se captar a fala vernácula de uma dada comunidade de fala. Nesta dissertação, os dados da variável dependente estudada, isto é, o uso do infinitivo gerundivo, foram levantados a partir de 24 entrevistas gravadas em Luanda-Angola nos anos de 2008 e 2013.

Os *corpora* utilizados pertencem ao projeto “Em busca das raízes do português brasileiro: estudos morfossintáticos”, atualmente coordenado pela professora Dra. Silvana Silva de Farias Araújo, sediada no Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Para a realização das 24 entrevistas, houve a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UEFS). O número do Parecer favorável à sua realização é 140.511. As entrevistas aqui escolhidas foram coletadas com qualidade técnica e já serviram ao desenvolvimento de numerosos trabalhos, como Rodrigues (2012); Lemos (2014); Santos (2015), Silva (2022).

A amostra utilizada nesta dissertação foi constituída levando em consideração o preenchimento de variáveis sociolinguísticas como sexo, diferentes níveis de escolaridade (baixa escolaridade, ensino médio e ensino superior), três faixas etárias e o local de nascimento (capital e outras localidades), conforme elucidamos no quadro

abaixo:

Quadro 01 - Estratificação do *corpus* do português urbano falado em Luanda-Angola

| Faixa etária | A – 21 a 35 anos | B – 36 a 51 anos | C – 52 anos em diante |
|---------------------|-------------------------|-------------------------|------------------------------|
| Baixa escolaridade | 2 H 1 M | 1 H 2 M | 1 H 1 M |
| Ensino Médio | 1 H 1 M | 1 H 2 M | 2 H 1 M |
| Ensino Superior | 1 H 1 M | 2 H 1 M | 1 H 2 M |

Fonte: elaborado pelo autor

4.3 AS ENTREVISTAS

As 24 entrevistas sociolinguísticas compõem esta pesquisa foram realizadas, como já dito, pela profa. Dra. Eliana Sandra Teixeira Pitombo, a qual, na época das gravações, era pesquisadora e coordenadora do já citado projeto. Apesar do *corpus* possuir uma quantidade um pouco maior de informantes, nesta dissertação, em específico, selecionamos a quantidade de 24 informantes para que conseguíssemos realizar uma melhor análise dos dados, de maneira coerente, além de possibilitar dividi-los em números pares em suas respectivas escolaridades, ou seja, 8 falantes de baixa escolaridade, 8 falantes do ensino médio e 8 falantes do ensino superior.

A referida professora adotou critérios iguais em todas as comunidades das quais visitou, isto é, foram considerados como possíveis informantes os residentes que eram naturais das comunidades nas quais moravam ou que tenham sido levados até a primeira infância.

Na realização das entrevistas, a professora contou-se com o apoio de guias residentes das respectivas comunidades, além de professores da comunidade local que faziam a socialização entre os pesquisadores e os nativos, pois, no caso das entrevistas gravadas, é necessário que os informantes se sintam à vontade e adquiram confiança no pesquisador (a). É relevante enfatizar a importância dos guias e professores, porque eles foram essenciais para permitir uma gravação fluida, por meio da familiarização dos entrevistados que contam fatos íntimos de suas vidas, a exemplo de situações de perigo,

o que assegurou uma coleta da fala vernácula de maneira qualificada e nos moldes de Labov (1972).

Alguns dados importantes coletados no momento das entrevistas são: nome completo, sexo, idade, escolaridade, ponto de referência de sua moradia, entre outras informações. Além disso, muitos assuntos iam surgindo durante a conversa “informal” entre o entrevistado e o entrevistador, ou seja, apareciam tópicos para além dos programados antes das entrevistas, o que denota que houve um processo de interação entre entrevistado e entrevistador, sendo essa situação melhor para a coleta do vernáculo.

Apesar dos numeráveis fatores qualitativos já citados, é válido dizer que as entrevistas foram realizadas em diferentes locais, o que trouxe como implicação alguns ruídos (choro de criança, barulho de carros, conversas secundárias). Mesmo com essas interferências, foi possível, no momento da transcrição das entrevistas, captar os pontos mais importantes das gravações. No tocante à natureza morfossintática do fenômeno aqui analisado, os ruídos também não impediam a identificação do dado se infinitivo gerundivo ou se gerúndio. Caso o fenômeno fosse de natureza fonético-fonológica, os ruídos poderiam dificultar a identificação, por exemplo, do apagamento do /d/ nas palavras fazendo > /fazeno/.

Se tratando das transcrições, elas foram realizadas por numerosos pesquisadores do NELP, em que muitos faziam parte como voluntários ou bolsistas de iniciação científica. No momento da transcrição, nenhum dado pode ser excluído, pois há a necessidade de captar as marcas específicas do dialeto de cada falante, tanto no nível morfossintático quanto no fônico. Pelo fato de ser necessário o registro fidedigno nas entrevistas, algumas marcas de variação encontram-se presentes na transcrição. Alguns exemplos desses registros típicos das localidades são: concordância nominal variável, concordância verbal variável, diferentes usos clíticos, omissão do artigo definido, entre outros.

A partir desses aspectos, ressaltamos a altíssima qualidade do *corpus* escolhido para essa pesquisa, a qual contou com a participação de grandiosos (as) pesquisadores da linguística e de falantes de Luanda-Angola. Desse modo, diante da qualidade técnica das entrevistas, fizemos o levantamento de dados do uso do *gerúndio* e do *infinitivo gerundivo* e codificamos cada registro como forma de obtermos resultados a partir do programa estatístico, o GoldVarb (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005)..

4.4 A APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS

Para a execução desta pesquisa, fizemos o levantamento dos dados em 24 (vinte e quatro) entrevistas sociolinguísticas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), distribuídos entre 12 (doze) homens e 12 (doze) mulheres de diferentes faixas etárias (faixa I, II e III) e níveis de escolaridade, como explicaremos mais adiante. O objetivo central é que obtenhamos resultados sobre o uso do *gerúndio* ou do *infinitivo gerundivo*. Para o controle dos fatores que visamos verificar no condicionamento da variável dependente, baseado na Sociolinguística laboviana, foram construídos oito grupos de fatores (as variáveis independentes), que são: 1- tipo de oração; 2- voz verbal; 3- estrutura verbal; 4- posição do clítico; 5- sexo; 6- faixa etária; 7- escolaridade; 8- local de nascimento. Esses grupos de fatores foram baseados tanto em estudos de outros pesquisadores, que testaram fatores internos, a exemplo de Mothé (2014), como a partir da divisão das células sociais feitas no projeto de pesquisa que realizou a coleta dos dados, nesse caso, os fatores sociais.

O quadro abaixo mostra todos os grupos com seus respectivos fatores, os quais foram usados para codificação dos dados desta pesquisa:

Quadro 2 - Variáveis linguísticas adotadas na pesquisa

| | CÓD. | |
|-----------------------------|------|----------------------------------|
| VARIÁVEL DEPENDENTE: | G | Gerúndio |
| VARIANTES | I | infinitivo gerundivo |
| VARIÁVEL 01: TIPO DE | A | Absoluta (independente) |
| ORAÇÃO | S | Coordenada SINDÉTICA |
| | D | Coordenada ASSINDÉTICA |
| | P | Oração principal |
| | L | Subordinada reduzida de gerúndio |
| | T | Subordinada Substantiva (geral) |
| | C | Subordinada Adverbial (geral) |
| | K | Construção clivada |
| VARIÁVEL 02: VOZ | A | Voz Ativa |

| | | |
|--|---|---|
| VERBAL | N | Voz Passiva Analítica |
| | S | Voz Passiva Sintética |
| | R | Voz Reflexiva |
| VARIÁVEL 03: | | |
| ESTRUTURA VERBAL (sintética x perifrástica) | N | Estrutura sintética (somente com verbo pleno) |
| | R | Estrutura analítica com auxiliar ESTAR |
| | X | Estrutura analítica com auxiliar ANDAR |
| | F | Estrutura analítica com auxiliar FICAR |
| | Y | Estrutura analítica com auxiliar IR |
| | V | Estrutura analítica com auxiliar VIR |
| | U | Estrutura analítica com auxiliar CONTINUAR |
| | O | Estrutura analítica com outros semiauxiliares (ou auxiliares acidentais) |
| VARIÁVEL 04: POSIÇÃO DO CLÍTICO | P | Próclise |
| | E | Ênclise |
| | A | Mesóclise |
| VARIÁVEIS SOCIAIS | | |
| VARIÁVEL 05: SEXO | M | Masculino |
| | F | Feminino |
| VARIÁVEL 06: FAIXA ETÁRIA | 1 | (21 a 35 anos) |
| | 2 | (36 a 51 anos) |
| | 3 | (Acima de 52 anos) |
| VARIÁVEL 07: ESCOLARIDADE | 4 | Baixa ou nula |
| | 5 | Ensino Médio |
| | 6 | Superior |
| VARIÁVEL 08: LOCAL DE NASCIMENTO | C | Capital |
| | I | Interior |

Fonte: Elaborado pelo autor

Com variáveis a serem controladas na pesquisa, além das variáveis sociais que serão detalhadas mais adiante, pretende-se controlar as variáveis linguísticas apresentadas anteriormente. A pesquisa sociolinguística realizada é de grande

relevância, pois nos proporciona estudar o encontro do português com línguas, povos e culturas africanas e analisar a influência linguística na formação da variação do *gerúndio* e do *infinitivo gerundivo* no PL. Assim, a seguir, são explicitadas as motivações subjacentes à criação de cada grupo de fatores.

4.4.1 Variável dependente

De acordo com o que expusemos anteriormente, selecionamos como variável dependente desta pesquisa as formas nominais *gerúndio* e *infinitivo gerundivo*, considerando a variação entre as duas formas, por exemplo: estou *namorando*/estou *a namorar*. Para essa variável, a hipótese levantada é de que o infinitivo gerundivo, a forma inovadora, seja a mais produtiva entre os luandenses.

Desse modo, como o próprio nome sugere, trata-se da variável dependente, ou seja, aquela em função da qual o cálculo de pesos relativos será feito pelo programa estatístico.

4.4.2 Tipo de oração

No grupo de fatores “tipo de oração”, dividiremos os dados mais significativos quanto aos diferentes tipos de orações. Codificamos os dados nos respectivos grupos (absoluta, coordenada sindética, coordenada assindética, oração principal, subordinada adjetiva, subordinada substantiva e subordinada adverbial), com o objetivo de verificar se algum desses tipos de oração favorecem o uso de alguma das variantes em foco neste estudo. Se algum tipo de construção sintática se apresentar como favorecedora de uma das variantes, pode indicar – dependendo do quantitativo – a tendência à formação de uma frequência de tipo de uma dada estrutura, o que pode ser relevante na avaliação do processo de gramaticalização da estrutura ‘a + infinitivo’.

Para o controle dos tipos sintáticos de oração gerundial, ativemo-nos, basicamente, à classificação da gramática tradicional, conjugando a visão de vários autores. Assim, selecionamos, a partir do levantamento de dados no nosso *corpus*, alguns tipos sintáticos ao conjunto de orações previsto pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).

Vejamos alguns exemplos dos tipos de orações, os quais foram retirados, em partes, no *corpus* e outros exemplos elaborados por nós:

- **Oração absoluta:**

Ex. (01): “Ah, minha mãe tá **a ir** embora” (INF.: A.E, F.1.4.C) ⁷

- **Coordenada sindética:**

Ex. (02): “Moro atualmente... digo assim... que tenho 35 anos de idade, conheci ‘um bucadidinho’ não idêntico como hoje em dia e que a gente tá **vivendo...**” (INF.: A.F, M.2.4.C)

- **Coordenada assindética:**

Ex. (03): “Ver a situação... uma filha de 18 anos **a namorar** e eu pelo menos já deparei muitas vezes a minha menina.” (INF.: M.C, F.2.4.C)

- **Oração principal:**

Ex. (04): “[...] quando no temos muita preocupação, muita presa, estamos **a vir** fazer um serviço mais lento, temos aquela de escolher.” (INF.: M.C, F.2.4.C)

- **Subordinada reduzida de gerúndio:**

Ex. (05): “Ringue é uma coisinha de borracha pequenina, redonda então podia ter 5 a 6 pessoas em casa lado, um risco no meio, **atirando** o ringue se cai se no chão o que quer dizer a outra equipa perdeu, a outra equipa ganha sucessivamente e se pegasse tínhamos que queimar a outra equipa.” (INF.: M.J, F.2.4.C)

- **Subordinada substantiva:**

Ex. (06): “[...] nós precisávamos também de ter uma estatística muito boa que nos mostrasse que as mulheres tão realmente **a crescer** na sua capacitação técnica e educacional para tornar possível, pois a sua inserção a outros níveis... isso é necessário.” (INF.: A.A, F.3.6.C)

- **Subordinada adverbial (geral):**

⁷ Entre parênteses adicionamos as iniciais dos informantes, por questões éticas, além das suas principais informações sociais, as quais já explicitamos os significados dos referidos códigos na tabela de codificação.

Ex. (07): “Quando eu comecei **a aprender** a catequese em 72, então... 73, recebi o batismo, a confirmação”. (INF.: A.V, F.3.4.I)

- **Construção clivada**

Ex. (08): “Eu gosto dar muitos conselhos porque eu trato bem os meus amigos eu, pra mim, os mais velhos, é que estou **a ver** o meu pai ou a minha mãe, os meus familiares”. (INF.: M.J, F.2.4.C)

Nesse grupo, idealizamos como hipótese a confirmação dos resultados obtidos por Barbosa (1999), que atestou, por intermédio das cartas de comércio do século XVIII, a predominância da forma perifrástica nas orações adverbiais.

4.4.3 Voz verbal

Esse grupo tem por objetivo controlar se há mudança nas taxas de uso de *infinitivo gerundivo* dependendo da voz do verbo na oração em que aparecem as variantes. Para este grupo, não existe propriamente uma hipótese. Trata-se, portanto, de um grupo de fatores experimental com o objetivo de verificar se a voz em que se encontra o verbo principal da oração tem alguma relevância para a seleção de *gerúndio* ou de *infinitivo gerundivo* na formulação de sentenças de nosso *corpus* do PL. Seguem os exemplos abaixo elaborados por nós como forma de elucidar:

- **Voz ativa:**

A professora ensinando muito bem aquela matéria.

A professora a ensinar muito bem aquela matéria.

- **Voz passiva analítica**

A casa está sendo extraordinariamente visitada.

A casa está a ser extraordinariamente visitada.

- **Voz passiva sintética**

Representando-se como a estrela do espetáculo.

A representar-se como a estrela do espetáculo.

- **Voz reflexiva**

Agredindo-se mutuamente.

A agredir-se mutuamente.

4.4.4 Estrutura verbal (sintética x perifrástica)

Esse grupo de fatores é fundamental na presente pesquisa. Para alguns autores, como Mothé (2014), a principal distinção entre o Português Brasileiro e o Europeu quanto ao uso de *gerúndio x infinitivo gerundivo* ocorre especialmente em um contexto que costuma ser chamado de progressivo, que envolve justamente estruturas perifrásticas. Sendo assim, torna-se imperativo verificar o padrão de uso de *infinitivo gerundivo* em um grupo que opusesse formas analíticas (ou perifrásticas) (com verbo auxiliar) à forma sintética (com verbo pleno).

Trazemos como hipótese, nesse grupo de fatores, o verbo auxiliar “estar” como o principal favorecedor da forma infinitiva gerundiva, assim como no trabalho de Mothé (2014). Para ilustrar tais ocorrências, apontamos os seguintes exemplos abaixo.

- **Estrutura sintética**

Ex. (09): “Eu vou de táxi e de vez em quando regresso de autocarro que acaba também por ser muito complicado apanhar o autocarro porque fica muito apertado, muita gente a querer subir... dificulta muito o trajeto”. (INF.: A.A, F.3.6.I)

- **Estrutura analítica com auxiliar ESTAR**

Ex. (10): “Encontrei um grupo de jovens que estava a conversar.” (INF.: A.A, F.3.6.I)

- **Estrutura analítica com auxiliar ANDAR**

Ex. (11): “[...] mas só porque, talvez lá, **ando a fazer**, lá eu sei tudo, mas... eu sou agrônomo, mas eu penso... a pessoa não pode nem sobreviver de lá” (INF.: V.A, M.2.6.I)

- **Estrutura analítica com auxiliar FICAR**

Ex. (12): “[...] mas ao longo do tempo **fui recordando**, como havia um a pessoa amiga minha, que sempre viveu ao lado dela, procurei saber por ela...” (INF.: A.J, M.3.5.I)

- **Estrutura analítica com auxiliar IR**

Ex. (13): “[...] ponho couve também cortada de forma fininha e depois **you virando** e meto o arroz em seguida.” (INF.: B.A, F.2.6.I)

- **Estrutura analítica com auxiliar VIR**

Ex. (14): “Eu **venho a correr** na escola. Assim, chego na escola, estudo.” (INF.: A.J, F.3.4.I)

Cunha e Cintra (2001) admitem a construção vir + a + infinitivo, porém não indicando aspecto progressivo. Para eles, tal perífrase indica apenas o resultado de uma ação.

Ex.: Vim a saber dessas coisas muito tarde.

- **Estrutura analítica com auxiliar CONTINUAR**

Ex. (15): “Como toda a geração da Ilha, aos 8 anos já **começam a aprender** a nadar. Se encontrar uma criança com 8, 9, 10 anos e olhares para a praia, e ela nadar é porque nasceu na Ilha.” (INF.: L.R.M.3.5.C)

- **Estrutura analítica com outros semiauxiliares (ou auxiliares acidentais)**

Ex. (16): “[...] deixo o arroz como se **tivesse a ficar** frito.” (INF.: B.A, F.2.6.I)

4.4.5 Posição do clítico

O grupo de fatores posição do clítico tem como objetivo principal: verificar a possibilidade ou não de, nas estruturas analíticas, haver intercalação de elementos entre o verbo auxiliar e o verbo principal nas formas nominais em foco. Isso visa observar o quão forte é a ligação entre o auxiliar e a forma nominal gerundiva. Em especial, pretendemos verificar a possibilidade de intercalação de elementos entre a preposição *a* e o verbo no infinitivo (nesse caso, apenas para as construções com o infinitivo

gerundivo, evidentemente). Exemplificamos abaixo os diferentes grupos dessa categoria:

- **Próclise**

Muitos deles não faziam ideia do que se estava passando.⁸

Muitos deles não faziam ideia do que se estava a passar.

- **Ênclise**

Telefonando-lhe na hora combinada.

A telefonar-lhe na hora combinada.

Assim como em Mothé (2014), objetivamos apresentar a hipótese de ocorrência de clíticos como elementos atrativos em construções sintáticas infinitivas gerundivas, isto é, a presença dessas palavras entre o auxiliar e o verbo principal, ou, como em alguns casos, entre a preposição e o verbo principal.

4.5 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS E HIPÓTESES DAS VARIÁVEIS SOCIAIS

Neste trabalho, consideramos as variáveis sociais tendo como objetivo atestar as nossas hipóteses, as quais trazem como possibilidade a gramaticalização do infinitivo gerundivo em Luanda-Angola. Assim, foram consideradas quatro variáveis socioculturais (sexo, faixa etária, escolaridade e local de nascimento) cujas características são expostas a seguir, no quadro 3:

Quadro 3 - Fatores sociais

| | |
|--------------|---|
| SEXO | MASCULINO; FEMININO |
| FAIXA ETÁRIA | I – (21 a 35 anos); II – (36 a 51 anos); III – acima de 52 anos |
| ESCOLARIDADE | Baixa ou nula (B/N) Ensino Médio |

⁸ Exemplos elaborados pelos autores da presente dissertação

| | |
|---------------------|-------------------------------|
| | Superior (S) |
| LOCAL DE NASCIMENTO | Capital; Outras províncias |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

De acordo com Labov (1966), os fatores sociais são importantes para a sistematização da variação e para a projeção da variável dependente no curso do tempo, ou seja, na identificação do fenômeno variável como estável ou como uma mudança em progresso. Assim, as diferenças no modo de falar dos diferentes grupos podem justificar o crescimento no uso do infinitivo gerundivo em Luanda.

Além disso, a partir desse grupo de fatores, é possível responder os principais questionamentos a respeito do uso da forma perifrástica, por exemplo, quais são os falantes que utilizam, frequentemente, o infinitivo gerundivo: escolarizados ou não-escolarizados? Homens ou mulheres?

4.5.1 Sexo do informante

O sexo do falante é, sem dúvidas, um dos fatores que levam à diversidade da língua. A Sociolinguística Quantitativa ratifica essa informação, ou seja, é necessário observar os usos particulares das formas linguísticas por cada informante. Muitos fatores históricos podem ser considerados e justificados nesse grupo de fatores: a cultura, a família, os padrões impostos pela sociedade, entre outros.

Diante disso, os papéis da mulher e do homem são elementos que precisam ser considerados na análise das escolhas linguísticas, de tal modo que as vivências particulares desses informantes, de acordo com o sexo, possam trazer algumas respostas, isto é, os homens costumam frequentar o setor laboral com uma maior frequência e porcentagem comparadas às mulheres. Infelizmente, isso é um reflexo das sociedades com culturas e comportamentos arcaicos.

Entretanto, apesar das culturas arcaicas e da opressão social para o público feminino, existem mudanças significativas nesse cenário. Por meio da revolução industrial e dos movimentos feministas, as mulheres têm ganhado um grande espaço no mercado de trabalho, passo importante para a ocupação que anteriormente era destinada somente ao público masculino. Dessa forma, é possível amenizar as diferenças no modo

de falar no português contemporâneo, principalmente nos falares característicos de homens e mulheres.

Nesse grupo de fatores, buscamos algumas respostas de níveis morfossintáticos diante do uso do gerúndio e do infinitivo gerundivo entre os homens e as mulheres. O principal questionamento desta dissertação, no que se refere ao sexo do falante, é: as mulheres tendem a ser mais conservadoras? Os homens costumam utilizar, com maior frequência, as formas inovadoras?

Depreende-se, portanto, a importância desse grupo de fatores para a análise sociolinguística. Destacamos, pois, a presença do sexo do informante como forma de apontarmos possíveis respostas para um dos nossos principais objetivos aqui: conservação *x* inovação.

4.5.2 Faixa etária

Diante das numeráveis variáveis sociais aqui escolhidas, apontamos a relevância da faixa etária, pois por meio dela é possível apontar a mudança na língua, mesmo que de forma lenta e gradual, observada através do tempo.

De acordo com Mothé (2007), no seu estudo de perspectiva diacrônica, houve um crescimento no uso do infinitivo gerundivo durante o século XX, além do seu uso categórico na década de 90. Aqui, no nosso estudo, acreditamos que os mais jovens apresentam uma maior frequência da forma inovadora. Apesar da hipótese de um fenômeno linguístico inovador, questionamos, ao mesmo tempo: estariam os mais idosos utilizando, de forma majoritária, o gerúndio? Em caso negativo, há um maior uso da forma conservadora, a forma perifrástica é menos utilizada na faixa III, com falantes acima de 52 anos?

Apesar dos questionamentos supramencionados, ratificamos, também, que numa situação em que uma variante ocorre espontaneamente em todas as faixas, indicando estabilidade dentro do sistema, demonstra, assim, um padrão curvilíneo, como atesta Labov (2008 [1972]).

Para melhor elucidar o que afirmamos e questionamos acima, exemplificamos: se o gerúndio ocorre com uma maior frequência em grupos de pessoas mais velhas, com idade mais avançada, e vai gradativamente diminuindo a sua participação pelos grupos de menor idade, indica-se o desaparecimento dessa variante. Por outro lado, se há um uso majoritário do infinitivo gerundivo nos grupos de menor idade, e é pequena a sua

participação nos grupos de idade mais avançada, depreende-se um processo de mudança com vistas à gramaticalização dessa variante.

4.5.3 Escolaridade

Essa variável social, escolaridade, é muito utilizada nos estudos sociolinguísticos, pois nos auxilia a compreender qual é o papel da escola na regulação das variantes aqui estudada. Assim, torna-se imprescindível que a escolaridade seja uma grande difusora sobre as questões de conservação e inovação. Para essa ocasião, é possível verificar se há o ensino da forma inovadora nas escolas de Luanda, tendo o português como língua oficial, encaixando “as formas de prestígio”, isto é, o uso do infinitivo gerundivo, que é constantemente utilizado no PE.

Nessa perspectiva, supõe-se que a instituição escolar pode, inclusive, interferir na fala dos informantes, na medida que alguns fatos morfossintáticos do PE só são aprendidos, na maior parte das vezes, por meio da escola, alguns fenômenos como: concordância verbal, a colocação dos clíticos, entre outros. Todavia, por estarmos diante de um fenômeno que não se trata de uma “norma-padrão”, acreditamos que esse é utilizado, com frequência similar em ambas as escolaridades, pois está além dos contextos escolares.

4.5.4 Local de nascimento

De acordo com Labov (2008 [1972]), a variável língua de origem no contexto social da comunidade é uma forma de reconhecimento da língua como um fenômeno social. Diante desse pensamento, selecionamos essa variável com o intuito de compreendermos os aspectos sócio-históricos e culturais que interferem nas diferentes formas de falar o fenômeno aqui estudado.

O determinismo geográfico atesta que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural, conforme Laraia (2001). Nesse sentido, a variável língua de origem desempenha um importante papel nesta pesquisa sociolinguística, pois a partir dela é possível conhecermos a sócio-história dos informantes, além de suas culturas. Como já mencionamos acima, alguns entrevistados da pesquisa têm sua origem na capital, Luanda, porém, alguns têm suas origens oriundas de outras províncias: Zaire, Mariba, Huambo, Malange, Bié, entre outras.

A partir da seleção dessas variáveis supracitadas, foi necessário o levantamento dos dados e a sua codificação para os resultados principais da presente pesquisa.

Portanto, os dados foram submetidos a análises quantitativas que visaram estabelecer uma divergência ou semelhança ao PB, a partir da análise dos dados do português falado em Luanda, com o intuito de reunir características relevantes à interpretação do fenômeno *gerúndio e infinitivo gerundivo* e a caracterização das variedades em análise. Desse modo, apresentamos, no próximo capítulo, os resultados comentados com maiores aprofundamentos, a partir das estatísticas que o programa nos forneceu.

5 ANÁLISE VARIACIONISTA DO GERÚNDIO E DO INFINITIVO GERUNDIVO NO PORTUGUÊS URBANO FALADO EM LUANDA

Nesta seção, são apresentados e discutidos os resultados quantitativos sobre o uso do *gerúndio* e do *infinitivo gerundivo* no português falado em Luanda-Angola, objetivando compreender a realidade sociolinguística da comunidade de fala investigada, correlacionando os dados encontrados com as suas particularidades sócio-históricas e da sua ecologia linguística.

A princípio, destaca-se que foram realizadas 03 rodadas, com diferentes combinações das variáveis controladas. Na primeira rodada multivariada, alguns fatores deram *knockout* sendo, por essa razão, necessário a eliminação dessas variantes para obtenção dos pesos relativos.

Ademais, vale mencionar que os fatores - *orações subordinadas substantivas*, o verbo auxiliar *andar*, o verbo auxiliar *continuar* e a forma *enclítica* não apresentaram variação, tendo em vista que o uso dessas, no que se refere ao *infinitivo gerundivo*, foram categóricas.

Esta seção está estruturada em 3 subseções. Na 5.1, apresentamos e discutimos a distribuição geral dos dados das variantes estudadas. Na 5.2, são discutidas a aplicação do *infinitivo gerundivo* segundo as variáveis estrutura verbal, tipo de oração e escolaridade como estatisticamente relevante. Por fim, na 5.3, descrevemos e analisamos a aplicação da forma perifrástica a partir das variáveis não selecionadas pelo programa estatístico.

5.1 ANÁLISE DAS FORMAS NOMINAIS NO *CORPUS*

Como descrito na metodologia, foram levantadas e codificadas todas as ocorrências das formas nominais do verbo, o *gerúndio* e o *infinitivo gerundivo*, sendo desconsideradas e excluídas as construções que não se enquadravam nos critérios previamente estipulados. É importante reiterar, ainda, que os dados foram levantados e codificados de acordo com os grupos de fatores linguísticos e sociais estabelecidos, sendo os percentuais de uso das variantes alcançados por meio do Programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

A hipótese inicialmente levantada era de que a forma nominal *infinitivo*

gerundivo teria um uso majoritário no português falado em Luanda-Angola. No bojo dessa discussão, é válido ressaltar que nem sempre ‘inovar’ é sinônimo de ‘afastar-se’ da norma-padrão. Nesse sentido, por não ser um fenômeno marcado socialmente⁹, não há uma forma padrão ou não padrão da variável estudada, mas procuramos destacar qual a forma nominal mais utilizada pelos falantes, a dita conservadora (*gerúndio*) ou a inovadora (*infinitivo gerundivo*).

Feita essa discussão inicial, apresentamos, na tabela 01, o cômputo geral dos dados e a distribuição das ocorrências levantadas, seguidos de explicações e de um gráfico, figura 03, para melhor a visualização dos resultados obtidos na amostra de fala do português luandense:

Tabela 1 - Distribuição geral dos resultados encontrados na amostra do português luandense referente ao uso variável do infinitivo gerundivo e do gerúndio

| VARIANTES | APLICAÇÃO/TOTAL | PORCENTAGEM |
|-----------------------------|-----------------|-------------|
| Infinitivo gerundivo | 303/395 | 76.7% |
| Gerúndio | 92/395 | 23.3% |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Antes dos comentários em torno dos resultados obtidos, é preciso tecer algumas considerações sobre o número de dados. Foram coletadas 395 ocorrências de gerúndio e do infinitivo gerundivo. Conforme pode ser observado na Tabela 01, a forma perifrástica tem sido mais utilizada pelos falantes luandenses, visto que de um universo de 395 dados, 303 foram do infinitivo gerundivo, o que representa, em termos percentuais, 76,7%. Esses resultados apontam para uma convergência com o Português falado em Portugal, como atesta Mothé (2014) e, por outro lado, uma dessemelhança com o PB, o qual utiliza a forma conservadora, segundo Cunha (1986).

⁹ Apesar de não ser marcado socialmente, algumas regiões de Portugal demonstram preconceito com a forma conservadora, como citado na seção sobre o fenômeno.

De acordo com os percentuais verificados na Tabela 01, segundo as regras propostas por Labov (2003), a hipótese de que esse seria um fenômeno variável foi confirmada.

Conforme anteriormente analisado, houve um menor número de ocorrências do uso do gerúndio, de forma mais específica, um total de 92 ocorrências/dados de universo de 395, dentro do *corpus* estudado, isto é, um percentual de 23,3%. Vale ressaltar, então, a preferência pelo uso do *infinitivo gerundivo*, tanto na norma culta quanto na popular. A partir da Tabela 1, observamos que as ocorrências com a forma perifrástica são as mais frequentes, perfazendo um total de 76,7%. Os resultados quantitativos da forma nominal infinitivo gerundivo no português falado em Luanda-Angola revelam uma distribuição já atestada em diversos trabalhos desenvolvidos com dados do PE (MOTHÉ, 2007, 2014). Por outro lado, esses resultados mostram uma dessemelhança com o PB (BARBOSA, 1999).

A seguir, são apresentados alguns exemplos, retirados da amostra analisada, da forma *infinitivo gerundivo*, variante mais produtiva no *corpus*.

(17) “Não é fácil isso porque o papel de mãe exige muito termos. eu quando acordo de manhã cedo tenho um horário apropriado, não consigo sair devido à questão de hábito já no consigo acordar assim tarde... 3h, 3h:30m eu já no tenho sono ainda que naquele horário não consigo levantar e **fico ai na cama a ler a bíblia**, fazer uma oração, lá pras 5 tomo banho, tenho que bater as portas dos quartos os meninos ver como aqui dormiram” (M.C. F, 2, 4, C)

(18) “Hoje, vê-se certamente uma posição muito clara legislada infelizmente como nas sociedades não mudam de um dia para o outro, ainda continuam os preconceitos do homem, sobretudo em casa, na rua, no emprego, e isto nós **costumamos a dizer** que a mulher precisa ser colocada no seu lugar. E essa luta da mulher como sabe não é uma luta só em Angola, é uma luta no mundo inteiro, todo mundo, mas **estamos a falar** de Angola, vamos falar o que é nosso quero referir em resumo que nós demos um passo passos muito grande, passos devido à luta de libertação nacional, passos devido à política do MPLA, sobretudo aquele partido que fez uma abrangência de luta no território, passos dados com a independência com a constituição” (C.C. M, 3, 6, C)

(19) “É sim. É porque a nossa sociedade tá tão mudada, já não é a mesma coisa que nos anos anteriores. Agora a pessoa tem que educar os filhos de uma maneira mais atenciosa porque há muita criminalidade. As crianças **tão a roubar** e a praticar autovandalismo muito cedo. Os pais têm que ser rígidos mesmo” (E.M. F, 1, 5, C)

(20) É diferente do nosso que tá na fase dos quarenta, nem namorávamos, conversávamos em frente à casa, dávamos a cara em frente a família e agora não,

atualmente, é namorar só, ir pra praia, discoteca, festa, namoram dois anos sem a mãe saber quem é o namorado ou a mãe saber quem é a namorada, **estão a esquecer** a identidade cultural do nosso país né?! é mais pro Brasil” (B.A. M, 2, 6, I)

O infinitivo gerundivo alterna, na amostra de fala do português urbano de Luanda, com o gerúndio, com percentuais menores de uso como colocado acima. A fim de ilustrar, seguem alguns exemplos retirados do *corpus*:

(21): “Olha, quanto mais evolução, quanto mais globalidade houver né, as pessoas vão se **transformando** até no seu modo de viver, de pensar e isso acaba **influenciando** também porque assistimos à TV, há exemplos que tiramos de lá negativos e trazemos pra vida real” (A. F, 3, 6, I)

(22) “Angola desde que assumiu a sua independência esse direito tem sido extensivo a todos os cidadão, sem exceção de sexo **incluindo** as mulheres e eu penso que isto faz parte duma, dum luta, quer dizer, faz parte da mulher da participação da mulher exatamente, na escolha da sua, dos seus dirigentes na escolha da sua direção participação **incluindo** na gestão do país” (A. A. F, 3, 6, C)

(23) “Não. Não tenho medo de morrer, nem pensar, porque todos nós temos que ir também. Temos que... querer ou não querer, nós temos que ir. Então, quando nós tamos em vida, a solução é em Jesus Cristo, **aceitando** essa pessoa, aí você pode morrer, porque a bíblia diz que nós temos a vida eterna. Temos vida, depois da morte nós temos ainda vida” (R. M. F, 2, 5, I).

É importante destacar, também, que no comportamento linguístico do mesmo informante, há variação entre o infinitivo gerundivo e o gerúndio:

(24) “Eu tenho notado, **comparando** com o passado, **tenho estado a notar** uma... uma redução na qualidade. Eu acho... diria redução da qualidade de um lado e também exigências do outro. É que, anteriormente, né, no nosso tempo, as crianças, os pais, pra já, obrigavam muito as crianças, né, tinham aquela rigorosidade. Os pais tinham muito tempo pras crianças. Com esse nosso... com essa nossa vivência atual já é difícil por causa... Nós tamos atrás da vida, você tem que ir pra o serviço, fazer muita coisa ao mesmo tempo, então acha pouco tempo pros filhos, e daí também influenciemos na baixa qualidade da aprendizagem dos filhos” (F. M. M, 1, 5, C).

A produtividade da variante *infinitivo gerundivo* na realidade linguística de Angola pode ser compreendida como uma influência da norma europeia, visto que essa é a língua de referência linguística para a referida nação. Segundo Mingas (2002), falar o português sem traços do contato linguístico e sem influências das línguas africanas é

uma condição primordial para ter uma progressão em Angola. Em razão disso, levantamos a hipótese de que essa convergência entre o PE e a norma objetiva de Luanda em relação ao fenômeno em análise seja uma tentativa de aproximação com a língua do antigo colonizador.

No ensejo dessa discussão, esses dados linguísticos precisam ser compreendidos à luz da sócio-história de Angola. Ressaltamos, aqui, o sistema plurilinguístico do país, pois esse abriga línguas da família bantu, a saber: umbundu, oxindonga, quimbundo, entre outros – vatwa e khoi e san. Conforme destaca Mingas (2000), diferentes línguas locais desenvolveram-se de forma distinta, ao passo que, no período colonial, os assimilados precisavam aprender a língua do colonizador como forma de ascender socialmente. Por conseguinte, a proibição das línguas dos assimilados destacavam uma política de imposição linguística, já que como nos afirma Teixeira e Almeida (2011), falar bem o português era ter domínio da estrutura de modo a estar à vontade nela, com o intuito de evitar interferências.

Nessa perspectiva, os resultados gerais desses dados coadunam, então, uma semelhança com a variante europeia, pois assim como em Barbosa (1999), Mothé (2014) e Oliveira (2017) o PE tende a inovar com a forma perifrástica, logo, aparentemente, esse cenário linguístico também se apresenta no português urbano falado em Luanda-Angola, o crescimento da forma inovadora.

Feitas essas observações gerais acerca dos dados analisados, passa-se à descrição dos contextos significativos que condicionam a variação. No conjunto das 07 variáveis consideradas na análise das formas nominais, foram selecionadas como relevantes duas variáveis linguísticas e uma variável social. Tendo como valor de aplicação o *infinitivo gerundivo*, o programa computacional Goldvarb X selecionou, em nível de relevância em termos estatísticos, as seguintes variáveis:

- 1. Estrutura verbal;**
- 2. Tipo sintático de oração;**
- 3. Escolaridade.**

Por outro lado, os seguintes grupos de fatores não foram selecionados, mas serão incluídos na análise feita nesta seção, a saber:

- 4. Posição do clítico;**

5. **Sexo;**
6. **Faixa etária;**
7. **Local de nascimento.**

Os resultados concernentes ao controle desses grupos de fatores são comentados nas subseções a seguir. Primordialmente, abordam-se as variáveis estaticamente relevantes no condicionamento do fenômeno e, posteriormente, as variáveis não selecionadas.

5.2 AS VARIÁVEIS ESTATICAMENTE RELEVANTES NO CONDICIONAMENTO DO FENÔMENO

Como citado anteriormente, o programa estatístico selecionou três variáveis como relevantes, duas linguísticas e uma extralinguística. A seguir, discutiremos os resultados obtidos.

5.2.2 Aplicação do *infinitivo gerundivo* segundo a variável *Estrutura verbal*

De início, antes de discutir os resultados quantitativos oferecidos pelo Programa, vale ressaltar que, neste trabalho, foram considerados dados não apenas do fenômeno em estruturas oracionais formadas por grupos verbais (estruturas formadas por um verbo auxiliar e um verbo pleno), mas também com verbos plenos. A fim de ilustrar o que foi dito, seguem dois exemplos retirados da amostra de fala:

(25) “Foi no natal, todo mundo ¹⁰**a passar** suas festa e eu não tinha nada a dar de comer para meus filho, naquela altura meu marido também não tinha, não tinha emprego também em casa e eu fiquei assim **a imaginar** e foi daí que percebi que o mundo acabou, me senti fraca, eu não conseguia nem que eu tivesse a atravessar uma estrada, não conseguia correr, não conseguia correr, me sentia a fraqueza dentro de mim, num sei o que, eu sempre eu dizia ‘Deus que me ajuda’.” (A. E. F, 1, 4, C).

(26) “Gostei, até quero até lá um próximo ano de novo lá. Gostei, gostei do meu serviço. Para além...pronto é assim eu to aqui faço trabalho de pesca, meu pai já é falecido né, me deixou uma embarcação assim idêntica. E eu como filho mais velho ¹¹**tô a tomar** conta do mesmo, da mesma empresa praticamente. Para além daquele trabalho, para além do que ele me deixou, eu tomo conta onde tem outro serviço. Trabalho fim de semana, sábado e domingo.” (A. F. M, 2, 5, C).

10 Estrutura com verbo pleno

11 Estrutura formada por um verbo auxiliar e um verbo pleno.

Feito esse esclarecimento, passamos a analisar os resultados obtidos referentes à variável linguística “Estrutura verbal” que estão apresentados na tabela 2.

Tabela 2 - Aplicação do *infinitivo gerundivo* segundo a variável Estrutura verbal

| FATORES | APLICAÇÃO/TOTAL | PORCENTAGEM | PESO RELATIVO |
|-----------------------------------|------------------------|--------------------|----------------------|
| Verbo auxiliar ficar | 11/12 | 91% | .67 |
| Verbo auxiliar estar | 190/209 | 90% | .66 |
| Outros verbos auxiliares | 31/35 | 88% | .61 |
| Verbo pleno (estrutura sintética) | 51/84 | 60% | .40 |
| Verbo auxiliar vir | 3/5 | 60% | .31 |
| Verbo auxiliar ir | 5/38 | 13% | .02 |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Como podemos visualizar na Tabela 02, conforme evidenciado pelos pesos relativos, os verbos auxiliares “ficar”, “estar” e “outros verbos auxiliares” favorecem a forma inovadora, isto é, infinitivo gerundivo. Esses resultados são convergentes às análises de Mothé (2014), a qual atestou o crescimento e uso categórico desses verbos no PE, no que se refere à forma inovadora.

Em relação ao fator “Verbo auxiliar ficar”, de um total de 12 ocorrências, 11 foram com a forma perifrástica, o que representa, em termos percentuais, 91%. Esse favorecimento é confirmado pelo peso relativo de .67. Nos exemplos (27) e (28), é possível verificar a produtividade do infinitivo gerundivo diante desse verbo.

(27) “[...] e agora **ficou a dizer**... uma história também com meus filho né?! quando eles estão sentados eu converso com eles, eu gostava muito de dançar, gostava muito de ir à discoteca e ele me perguntava: ‘a discoteca é o que?’ Donde tem música, tipo assim, uma festa a pessoa fica à vontade, aí vai dançar, vê o tempo passar, mas aquilo só toca sexta até domingo.” (A. E. F, 1, 4, C).

(28) “ Isso de atirar pedra uns aos outros, dei com pedra no outro. Depois, eu fui pra casa e **ficaram a me ralar** bastante até chegar ao ponto de me bater mesmo.” (C. C. M, 3, 6, C).

O outro fator favorecedor da forma perifrástica foi o “Verbo auxiliar *estar*”, o qual obteve peso relativo .66. A análise da frequência de uso mostra que esse foi um verbo muito produtivo na amostra de fala do português luandense, visto que, com esse vocábulo verbal, de um total de 209 ocorrências, 190 foram da variante inovadora, evidenciando que, com a referida lexia verbal, essa forma é altamente favorecida, como pode ser certificado nos exemplos (29) e (30).

(29) “**Estava a brincar** né? experimentar em termos de construção daquelas casas de areia, em certa medida também jogar bola, jogo, areia mesmo são brincadeiras que mais marcaram, brincar aquelas escondidinhas, no é ?.” (A. J. M, 3, 5, I).

(30) “E essa luta da mulher como sabe não é uma luta só em Angola, é uma luta no mundo inteiro, todo mundo, mas **estamos a falar** de Angola, vamos falar o que é nosso, quero referir em resumo que nós demos um passo, passos muito grande, passos devido à luta de libertação nacional, passos devido à política do MPLA, sobretudo aquele partido que fez uma abrangência de luta no território, passos dados com a independência, com a constituição. As mulheres hoje não ocupam os lugares cimeiros desejados, mas a mulher, hoje, em Angola, é agradável vê-la, ela a concorrer pra todas as posições em pé de igualdade com o homem.” (A. E. F, 1, 4, C).

Nos exemplos (29) e (30), observamos o uso do verbo auxiliar “estar” como favorecedor do infinitivo gerundivo. Esse verbo, conhecido como “auxiliar clássico” em trabalhos como o de Mothé (2014), é associado, tradicionalmente, ao infinitivo gerundivo no PE, tal construção é definida, por alguns autores, como construção progressiva.

O uso expressivo do *infinitivo gerundivo* diante do verbo auxiliar *estar* foi uma das nossas hipóteses apresentadas na metodologia, pois, como previsto, esse fator favorece a forma inovadora. Como pode ser observado nos exemplos (29) e (30), é perceptível a semântica de não conclusão da ação verbal, mas essa não é caracterizada pela terminação *ndo*, mas na forma do infinitivo gerundivo. Ademais, percebe-se que o verbo auxiliar *estar* é seguido por uma preposição *a* e, por fim, o verbo principal, constituindo uma locução verbal.

Outro fator que favorece a forma inovadora é “Outros verbos auxiliares”, visto que essa variante obteve peso relativo de .61. A porcentagem confirma esse

favorecimento evidenciado pelo peso, posto que de 35 ocorrências, 31 favorecem o uso da forma perifrástica. Seguem, a fim de ilustrar, alguns exemplos desse fator.

(31) “Como toda a geração da Ilha, aos 8 anos já **começam a aprender** a nadar. Se encontrar uma criança com 8, 9, 10 anos e olhares para a praia, e ela nadar é porque nasceu na Ilha.” (L. R. M, 3, 5, C).

(32) “Logo vinha um, um...uma Toyota Corola ai de cima do Morro da Luz, com alta velocidades logo ao chegar memo onde se acumulou tantos miúdos ali onde que ele apanhou o carro de ignição, desvia da estrada e então **começou a limpar** os miúdos.” (D. C. M, 1, 4, I).

(33) “Só é difícil quando a pessoa não trabalha. Digo assim né. Diz... se a pessoa **tiver a trabalhar**.” (A. F. M, 2, 5, C).

Para além das construções acima, o verbo auxiliar *ficar*, apesar de poucas ocorrências, demonstrou uma grande produtividade da forma inovadora, pois das 12 ocorrências encontradas no *corpus*, 11 foram como favorecem forma perifrástica. Exemplifica-se abaixo essas afirmações:

(34) “Que eu me lembro eu [ININT] a minha pressa e agora **ficou a dizer**. Um história também com meus filho né?! quando eles estão sentados eu converso com eles, eu gostava muito de dançar, gostava muito de ir à discoteca e ele me perguntava: ‘Antonica a discoteca é o que?’ Donde tem música tipo assim uma festa a pessoa fica à vontade aí vai dançar vê o tempo passar, mas aquilo só toca sexta até domingo, aí então Antonica [ININT] vocês também terão vosso tempo quando vocês crescerem vão vê quando a gente passamos.” (J. J. M, 1, 4, C).

(35) “Isso de atirar pedra uns aos outros, dei com pedra no outro. Depois, eu fui pra casa e **ficaram a me ralar** bastante até chegar ao ponto de me bater mesmo.” (D. C. M, 1, 4, I).

Por outro lado, a forma inovadora é inibida quando o verbo auxiliar é o “vir”, pois esse fator obteve peso relativo de .31. Mas o baixo número de ocorrência desse fator não nos permite fazer afirmações conclusivas. Além disso, as *estruturas sintéticas*, com peso relativo de .40, como se pode atestar, se apresentam como desfavorecedoras para o uso do infinitivo gerundivo. Coincidentemente, nos estudos de Mothé (2014), esse grupo de fatores também se mostrou desfavorecedor à forma inovadora.

Outrossim, é necessário reiterar o uso categórico das estruturas com o verbo auxiliar *continuar*. Esse resultado pode estar relacionado ao grande avanço da forma

perifrástica no século XX no PE ou, também, devido à regência do verbo. Por exemplo, em Mothé (2007), o *corpus* que era formado por jornais do PB, ou seja, dados escritos, comprovou o uso de 80% de emprego de a + infinitivo em estruturas com o semiauxiliar *continuar* (MOTHÉ, 2007, p. 147-148).

Portanto, os resultados supramencionados atestam os verbos auxiliares como fatores favorecedores para o uso do infinitivo gerundivo. Para além da variável estrutura verbal, o programa estatístico também apontou o tipo de oração como favorecedor da forma inovadora. Assim, apresentamos e descrevemos abaixo os resultados.

5.2.3 Aplicação do *infinitivo gerundivo* segundo a variável tipo oração

Antes da análise dos resultados, expostos na Tabela 03, convém ressaltar que elaboramos esse grupo com o intuito de contrastar os resultados obtidos nesta pesquisa com os de Barbosa (1999), o qual teve como *corpus* as cartas de comércio do século XVIII e com os resultados de Mothé (2007). Barbosa (1999) atesta o uso das orações adverbiais como favorecedoras ao uso do infinitivo gerundivo. Em contrapartida, Mothé (2007) constata, por meio dos seus resultados, que as orações adverbiais não se mostraram favorecedoras ao uso da forma inovadora.

Ao analisarmos esses resultados e compararmos com os nossos, vemos que os percentuais de uso de cada tipo de oração são próximos aos resultados de Barbosa (1999) e divergentes aos de Mothé (2007). A saber, apresentamos os dados de Barbosa (1999) abaixo:

Tabela 3 – Peso relativos da 1ª rodada: tipo de enunciado

| FATORES | Total de dados Variáveis | Total de Infinitivo gerundivos | Peso relativo |
|--------------|-----------------------------|-----------------------------------|------------------|
| Coordenadas | 162 | 8 / 5 % | .35 |
| Temporais | 10 | 4 / 40 % | .88 |
| Modais | 28 | 3 / 11 % | .84 |
| Condicionais | 14 | 2 / 14 % | .88 |
| Relativas | 35 | 5 / 14 % | .57 |

| | | | |
|------------|----|---------|-----|
| Principais | 13 | 2 / 5 % | .50 |
|------------|----|---------|-----|

Fonte: Barbosa (1999)

A partir dos resultados de Barbosa (1999), evidencia-se construções sintáticas com orações adverbiais como favorecedoras da forma inovadora. Apesar de termos feito um levantamento com essas orações de modo geral, e não detalhadamente, entendemos, por meio dos resultados estatísticos, que elas condicionam o uso do infinitivo gerundivo.

Assim como no trabalho supramencionado, as orações que possuem maior peso relativo são, em ordem de relevância, as subordinadas adverbiais com (.74), as orações absolutas, que favorecem o infinitivo gerundivo com peso relativo (.60); e as coordenadas sindéticas com o peso relativo de (.56):

Tabela 4 - Aplicação do *infinitivo gerundivo* segundo a variável tipo oração

| FATORES | APLICAÇÃO/ TOTAL | PORCENTAGEM | PESO RELATIVO |
|-------------------------------|---------------------|-------------|------------------|
| Oração Subordinada Adverbial | 30/33 | 90% | .74 |
| Oração Absoluta | 77/87 | 88% | .60 |
| Oração Coordenada Sindética | 98/123 | 79% | .56 |
| Oração Principal | 8/9 | 88% | .47 |
| Oração Coordenada Assindética | 77/87 | 88% | .44 |
| Oração Clivada | 17/23 | 73% | .33 |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

A partir dos dados apresentados na Tabela 4, confirmamos as orações subordinadas adverbiais como, segundo o programa estatístico, o contexto mais favorável no que se refere à forma perifrástica. Essa afirmação é comprovada por intermédio do **maior peso relativo** do grupo de fatores, especificamente **.74**. Abaixo,

apresentamos dois trechos das entrevistas, os quais elucidam o uso do *infinitivo gerundivo* nas orações subordinadas adverbiais:

(36) “As minha brincadeira que eu fazia com minhas amiga era assim jogar, jogava uma garrafinha no trinta e cinco, **quando eu já estava a crescer com os meu 17 anos**” (A. E. F, 1, 4, C).

(37) “Êpa, eu acho... eu acho que o namoro atual, não é... não é a mesma coisa que o namoro de antigamente, pelo que os mais velhos dizem, acho que há muita diferença porque atualmente os jovens agora já são mais... ficam mais à vontade, tanto faz os rapazes ou as meninas já não tem aquela vergonha de esconder, **quando está a namorar já conta...** e também, já... talvez pela evolução, os filhos agora quando tão fora é amigo dos pais, já tem a coragem de conversar com os pais, de pedir às vezes opinião e não sei quê, enquanto que antigamente era diferente porque era uma coisa escondida e pronto.” (I. L. F, 2, 5, I).

Segundo Perini (2010, p. 209), o uso do infinitivo, na língua portuguesa, apresenta forma recorrente nas orações subordinadas. À luz dessa perspectiva, depreende-se esse grupo como favorecedor da forma perifrástica no português falado em Luanda. Esse resultado do uso do infinitivo gerundivo sendo favorecido pela oração subordinada vem ao encontro da discussão de Perini que nos alerta que, o uso do infinitivo, de modo geral, em língua portuguesa, é recorrente em orações subordinadas. Isso justifica, portanto, o fato de ser esse tipo de oração a favorecedora da forma perifrástica no português falado em Luanda.

Outro fator favorecedor da forma inovadora foi as orações absolutas, ou seja, de 87 orações absolutas no *corpus*, 77 foram utilizadas no contexto de uso do fenómeno citado, por exemplo:

(38) “cabe à mulher **a mobilizar** as outras que então o papel dela está aí nas eleições, nenhuma eleições não só aqui no nosso país, nenhuma eleições puderam ter o seu êxito quanto ele a não tiver a mulher como base, e nós sobretudo , nós sobretudo por quê? Precisamente por falta desta emancipação diríamos assim” (C. C. M, 3, 4, C).

Em suma, além das variáveis linguísticas, o Goldvarb X também apontou uma variável extralinguística como relevante. Assim, apresentamos os resultados abaixo e os respectivos exemplos.

5.2.4 Aplicação do *infinitivo gerundivo* segundo a variável escolaridade

Para a variável escolaridade, a nossa hipótese era a de que as formas perifrásticas encontradas no *corpus* seriam realizadas, principalmente, pelos informantes menos escolarizados. Além disso, esperamos que o *infinitivo gerundivo* seja, igualmente, distribuído, isto é, estejam presentes tanto na fala dos informantes da norma popular quanto da norma culta¹², com a finalidade de novamente se confirmar a aproximação de tais normas.

Na tabela abaixo, é perceptível o uso majoritário do *infinitivo gerundivo* entre os falantes de escolaridade baixa ou sem escolarização. Com maior exatidão, das 143 ocorrências das formas nominais do verbo, na escolaridade baixa, 124 ocorrências foram de infinitivo gerundivo. Esses resultados comprovam, mais uma vez, estarmos diante de um fenômeno linguístico que não está associado ao prestígio social, mas principalmente aos fatores sociais e históricos.

Diante desse cenário, a apresentação do peso relativo .66 revela um fator extralinguístico como favorecedor da forma inovadora. Assim, ilustramos os resultados abaixo:

Tabela 5 - Aplicação do *infinitivo gerundivo* segundo a variável escolaridade

| FATORES | APLICAÇÃO/TOTAL | PORCENTAGEM | PESO RELATIVO |
|---------------------------|------------------------|--------------------|----------------------|
| Baixa escolaridade | 124/143 | 86% | .66 |
| Superior | 109/144 | 75% | .42 |
| Ensino médio | 70/108 | 64% | .37 |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Os resultados dispostos na tabela acima indicam que a forma inovadora se sobressai também quando o fator em análise é a escolarização dos informantes, isto é, há um comportamento particular na realização da forma perifrástica com informantes de escolaridade baixa. No que diz respeito ao número de ocorrências e percentual, 86% dos

¹² Usamos o termo norma culta como definida no âmbito do projeto NURC (Norma Urbana Culta). No entanto, sabemos da discussão que vem ocorrendo com relação a essa terminologia, feita, entre outros, por Faraco (2008).

falantes com baixa escolarização utilizaram, com maior frequência, a forma nominal *infinitivo gerundivo*. Além disso, 75% dos falantes do ensino superior fazem uso desse tipo de forma nominal. Para ilustrarmos estes aspectos, apresentamos, a partir do *corpus*, alguns trechos das entrevistas dos falantes de escolaridade baixa, grupo de fator favorecedor para forma perifrástica:

(39) “Prontos. Isso é sério, é sério que é verdade que as crianças agora não aprendem muita coisa na escola porque também estraga isso, é menos amigas hum... crianças iguais, crianças... é que também tão **a aprender** só as coisas assim na rua todas coisas, então, aquelas coisas todas faz com que as crianças mas com a ajuda de Deus, as coisas tudo se alivia um bocado.”¹³(D. C. M, 1, 4, I).

(40) “Tem muita diferença, não se compara os jovens estão assanhados demais pra não dizer a 100% a 500% porque naquela altura, eu me lembro eu não podia conversar com o meu namorado e o meu irmão **a vir** por ali, meu irmão, não é meu pai é menor... não é mais velho. Eu tinha que fugir, despistar porque se eu continuasse ali de pé com o mesmo namorado e **ele a passar** havia de sair luta e caso não saísse o meu irmão entrava em casa tinha que ir levar o recado rápido no pai e quando eu havia de entrar era surra então eu tinha que fugir ou então ele tinha que me esconder para ele não se aperceber que eu estou ali.”¹⁴(M. C. F, 2, 4, C).

(41) “Eu diria que as coisas que está **a fazer** nada, fazer mal... você deve fazer isso e cumprir com as leis. As coisas são feitas por Deus, né?”¹⁵(A. C. M, 3, 4, C).

Diante disso, os resultados exemplificados em (39), (40) e (41) podem ser explicados pela marcante interação entre a capital e os espaços geográficos considerados como “interior”, no contexto das províncias luandenses, havendo uma integração entre pessoas de diferentes estratos sociais, “letrados” e “não letrados”. Nesse sentido, podemos concluir que os menos escolarizados tendem a manter os padrões de uso do infinitivo gerundivo, herança da língua colonizadora, logo, aproxima-se no que diz respeito ao português falado em Portugal. Isso pode ser justificado, também, dentro do aspecto social e geográfico, pois aqueles que não possuem a alta escolaridade tendem a residir, em grande parte, em zonas mais distantes, ou seja, de difícil acesso e com a tendência de manter as particularidades linguísticas deixadas pelos portugueses no período de colonização do território angolano, como nos afirma Mingas (2000).

13 Informante pertencente à escolaridade baixa, faixa I.

14 Informante pertencente à escolaridade baixa, faixa II

15 Informante pertencente à escolaridade baixa, faixa III.

5.3 AS VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS

Nesta seção, há a descrição e apresentação dos resultados percentuais encontrados pelo programa para os grupos de fatores linguísticos e sociais não selecionados como relevantes. Assim, tem-se, a seguir, os resultados numéricos da variável linguística posição do clítico e, na sequência, as variáveis extralinguísticas.

5.3.1 O infinitivo gerundivo segundo a variável linguística posição do clítico

A princípio, idealizamos a variável posição do clítico com a hipótese que essa apareceria entre o verbo auxiliar e o verbo principal, no caso do infinitivo gerundivo. Entretanto, como demonstrado na Tabela 05, foram encontradas poucas ocorrências das formas proclíticas e, ainda menos, da forma enclítica. Paralelamente, referente à próclise, de 23 ocorrências, 14 delas favorecem a forma inovadora, mais precisamente, 60%.

Tabela 6 - O infinitivo gerundivo segundo a variável linguística posição do clítico na amostra do português falado em Luanda-Angola

| FATORES | APLICAÇÃO/TOTAL | PORCENTAGEM |
|----------|-----------------|-------------|
| PRÓCLISE | 14/23 | 60% |
| ÊNCLISE | 3/3 | 100% |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Conforme mencionamos no capítulo 4, na metodologia, o grupo posição do clítico tinha como objetivo principal verificar a possibilidade ou não de haver, nas estruturas perifrásticas, intercalação entre o verbo auxiliar e o verbo principal nas construções infinitivas gerundivas. Indo de encontro às nossas hipóteses, encontramos poucas ocorrências no *corpus*, mas elucidamos abaixo as encontradas:

(42) “No momento assim que a gente tamos mesmo, quer dizer, nesse mês eu encontrei já os outros e **a se queixar** que os clientes não aparece. Assim conforme que se vê aqui, conforme tamos no armazém se nós, quer dizer, isso seria bom que os clientes comprem e nós carregamos no carro que pra nos pagar.” (D. C. M, 1, 4, I).

(43) “Pronto, comecei **a rebolar-se** no chão. Os miúdos começaram a dizer: Mamã, mamã, o que? Mamã, o que? As minhas coisas, as coisas foram assaltadas, no carro onde eu meti. É por isso mesmo que eu estou a rebolar no chão, porque não estou **a me sentir** bem. Ai, fiquei, fiquei, fiquei...” (A. V. F, 2, 5, I).

A partir do exemplo (43), percebe-se uma alternância no uso dos clíticos, na amostra de fala do português urbano de Luanda, diante do infinitivo gerundivo. A mesma informante utiliza a forma proclítica diante do verbo, como também a forma enclítica. Depreendemos, portanto, um uso reduzido dos verbos com a presença dos clíticos, tanto em infinitivo gerundivo quanto no gerúndio. Sendo assim, as poucas ocorrências no nosso *corpus* da colocação pronominal mostraram-se desfavorecedoras ao infinitivo gerundivo.

5.3.2 O infinitivo gerundivo segundo a variável sexo do informante

O resultado referente à variável sexo do informante, no que se refere ao uso da forma perifrástica, mostrou que as mulheres, relativamente aos homens, usaram mais a forma infinitiva do gerúndio. No que se refere à frequência de dados, 186 foram produzidos por mulheres, enquanto 117 por homens. No entanto, esse resultado não foi selecionado como estatisticamente significativo.

Tabela 7 - O infinitivo gerundivo segundo a variável sexo na amostra do português falado em Luanda-Angola

| FATORES | APLICAÇÃO/TOTAL | PORCENTAGEM |
|----------------|------------------------|--------------------|
| MASCULINO | 117/155 | 75% |
| FEMININO | 186/240 | 77% |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Nesse sentido, enquanto em outras pesquisas as mulheres tendem a liderar a utilização das variantes inovadoras, no caso em questão a diferença entre homens e mulheres é de apenas 2%, o que seria imprudente pensar em qualquer tipo de generalização para esses resultados. Essa aproximação na porcentagem da aplicação da regra pode ser argumentada pelo fato de que tanto os homens quanto as mulheres da comunidade em análise recebem influências externas, a exemplo de questões capitais/laborais. Para uma melhor visualização dessa análise, exemplifica-se abaixo construções retiradas do *corpus* em análise:

(45) “Bom... aprendo a falar português na minha casa, porque eu cresci no Congo Democrático, mas na minha casa já antes, minha pai e minha mãe já tava, quanto eu **tava a falar**, tava já... já **a falar o português**... o quê? Palavra pequena em português e agora, quando regressou aqui para encontrar toda a família, já, assim, **começou já a falar** um bocado.” (V. M. M, 2, 6, I).¹⁶

(46) “Algumas tão a... tentam, algumas tentam mesmo ver o mais velho, dar-lhe lugar do mais velho, respeitam, lhe dando valor, mas alguns e algumas **ficam a dizer**: ‘sai daqui’, ‘não vai-te lá... ou então não te conheço’. É assim.” (A. A. F, 3, 5, I).¹⁷

5.3.3 O infinitivo gerundivo segundo a variável faixa etária

Como é possível observar na Tabela 8, há uma preferência entre os falantes da faixa I e II sobre o uso do infinitivo gerundivo, demonstrando, mais uma vez, estarmos tratando de um fenómeno linguístico inovador, pois há um uso majoritário entre os informantes mais jovens. Além disso, esses resultados sugerem uma variação estável, elucidada-se a seguir:

Tabela 8 - O infinitivo gerundivo segundo a variável faixa etária na amostra do português falado em Luanda-Angola

| FATORES | APLICAÇÃO/TOTAL | PORCENTAGEM |
|-------------------------------|-----------------|-------------|
| FAIXA I (21 a 35 anos) | 115/144 | 79% |
| FAIXA II (36 a 51 anos) | 99/122 | 81% |
| FAIXA III Acima de 52 anos | 89/129 | 69% |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

A partir da tabela 8, a faixa I apresentou a percentagem de 79%, o grupo com maior aplicação. Segue abaixo alguns trechos das entrevistas para elucidar:

¹⁶ Trecho de entrevista com informante do sexo masculino

¹⁷ Trecho de entrevista com informante do sexo feminino

(47) “Assim... ela **fica a tomar** conta do negócio. Eu **venho a correr** na escola. Assim, chego na escola, estudo. Quando for 16 horas, **voltamos a sair**. 16:30 **tou a chegar** na praça. Quando chego na praça a minha filha vai pra escola, eu **fico a tomar** conta do negócio. Quando for 18:30, tenho uma menina de 14 anos. Então, ela vem já da escola, compra o jantar. Ela vai fazer o jantar em casa, eu fico até quando for, quase 17 horas... 19 horas.” (A. V. F, 1, 4, I).¹⁸

(48) “Pronto, essa brincadeira era naquela época, né? Lá no município, nós tirávamos algumas árvores lá no município que tem, como é que se diz... a raiz muito rija, então nós puxávamos aquela raiz, amarrávamos, fazíamos nó e secávamos a corda. Depois de seca saltávamos, criávamos uma brincadeira... uma uma uma de cada lado e a outra no meio **ficava a saltar** e era só mesmo.” (I. L. F, 2, 5, I).¹⁹

(49) “As mulheres que, nos a história ainda não foi, quando **estamos a começar**, estamos agora **a reconstruir** o país, **estamos a construí-lo** em todas as aéreas não fomos buscar tantas mulheres como desejávamos porque existiram.” (C. C. M, 3, 6, C).²⁰

5.3.4 O infinitivo gerundivo segundo a variável local de nascimento

Destacamos, a princípio, quanto ao Local de nascimento dos informantes, o uso expressivo do infinitivo gerundivo. Assim, na tabela abaixo, quantificamos 76% para capital e outras localidades, semelhantemente:

Tabela 9 - O infinitivo gerundivo segundo a variável local de nascimento na amostra do português falado em Luanda-Angola

| FATORES | APLICAÇÃO/TOTAL | PORCENTAGEM |
|-------------------|-----------------|-------------|
| CAPITAL | 163/212 | 76% |
| OUTRAS PROVÍNCIAS | 140/183 | 76% |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Apesar de **não** ter sido selecionado como relevante em uma das rodadas, ao analisarmos o quadro desse grupo e comparamos com outros trabalhos, a exemplo Mothé (2014), vemos que os percentuais de uso dos falantes nascidos na capital, Luanda, e dos naturais do interior são muito próximos nos dados. Esse fator nos traz

18 Trecho de entrevista com informante da faixa I

19 Trecho de entrevista com informante da faixa II

20 Trecho de entrevista com informante da faixa III

significativas respostas, como o fato da forma perifrástica ser utilizada em diferentes contextos sociais.

(50) “Tem muita diferença não se compara os jovens estão assanhados demais pra não dizer a 100% a 500% porque naquela altura, eu me lembro eu não podia conversar com o meu namorado e o meu irmão **a vir** por ali, meu irmão, não é meu pai é menor no é mais velho. Eu tinha que fugir, despistar porque se eu continuasse ali de pé com o mesmo namorado e ele **a passar** havia de sair luta” (M. C. F, 2, 4, C).²¹

(51) “Só uma vez dessas já depois de adolescente, já jovem **tava a trabalhar** e já sabe como é que é trabalhar nesse sítio muito movimentado, eu **tava a trabalhar** e dentro um dos clientes tava armado. Então não sei quê que houve com outro cliente e ali começou a confusão, brigaram, um dos clientes pegou... pegou a pistola e disparou.” (I. L. F, 2, 5, I).²²

Complementarmente a essa discussão, vale destacar que em Mothé (2014) o *infinitivo gerundivo* teve uso significativo até mesmo nas regiões, historicamente, mais conservadoras de Portugal, a saber Algarve e Alentejo. Esse caráter inovador atesta o crescimento no uso dessa forma, independente dos contextos mais descentralizados.

Em suma, em relação ao uso da forma perifrástica, vimos um número semelhante e significativo tanto na capital quanto nas outras localidades. No que se refere ao gerúndio, observamos um menor uso, apesar de algumas alternâncias entre os falantes. Assim, o infinitivo gerundivo tem uso geral no português de Luanda, independente das características sociais/geográficas dos falantes.

21 Trecho da entrevista de informante nascido na capital, Luanda.

22 Trecho da entrevista de informante nascido no interior, uma das províncias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, pesquisamos e analisamos o uso do *gerúndio* e do *infinitivo gerundivo* no português falado em Luanda-Angola, buscando identificar elementos sobre seu uso a partir da realidade sociolinguística e sócio-histórica dessa comunidade, mediante a análise das variáveis linguísticas e socioculturais. Nesse sentido, para a compreensão dos diferentes usos, utilizamos os dados produzidos por meio de entrevistas sociolinguísticas da comunidade de fala luandense, com informantes do sexo masculino e feminino de diferentes faixas etárias. Feito o devido tratamento dos dados, buscamos uma discussão teórica que nos permitiu chegar a importantes considerações sobre o tema, como o resultado envolvendo a escolaridade dos informantes, que a forma inovadora se mostrou recorrente com os informantes de escolaridade baixa.

Inicialmente, buscamos por respostas que pudessem colaborar com a hipótese de que o uso do *infinitivo gerundivo*, no PL, fosse mais frequente, ou seja, uso majoritário. O uso majoritário dessa variante, dita como a inovadora no território lusitano, pode ser justificada pela sócio-história de Angola, a qual é marcada pelo contato da Língua Portuguesa, imposta por Portugal, com os processos de transmissão linguística irregular.

Desse modo, traçamos alguns percursos para melhor obtenção e compreensão dos resultados. Foi de extrema importância destacar, logo na seção 2, algumas características sobre a formação de Angola e sua realidade sociolinguística.

Posteriormente, para ampliar a análise dos dados, foi abordado, na seção 3, alguns conceitos da gramática normativa sobre o fenômeno, além de anteriores pesquisas sobre o gerúndio e o infinitivo gerundivo no Brasil e em Portugal, visto que em Luanda não encontramos, na literatura, trabalhos específicos sobre a temática aqui estudada.

Na seção 4, pressupostos teóricos e metodológicos, nos preocupamos em apresentar os principais conceitos da sociolinguística, área central dessa pesquisa, além de detalharmos a análise e descrição do corpus, pertencente ao Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa- NELP/UEFS. Além disso, pontuamos as variáveis explanatórias, bem como seu tratamento estatístico.

Por fim, na seção 5, intitulada Análise dos dados, descrevemos e analisamos as formas conservadoras e inovadoras do PL. Esses dados foram levantados e codificados de acordo com os grupos de fatores linguísticos e sociais estabelecidos mediante ao Programa GoldVarb X.

A partir dos resultados obtidos pela análise dos dados, percebemos o uso frequente da forma inovadora no português luandense, ou seja, sua semelhança à língua colonizadora, PE, visto que de um universo de 395 dados, 303 foram do infinitivo gerundivo, assim, comprova-se a natureza inovadora, neste fenômeno, no português falado em Luanda. Por isso, apontamos abaixo os principais resultados e nossas principais considerações por meio deles:

- o programa estatístico apontou a estrutura verbal como um dos fatores que favorecem o uso da forma perifrástica, mais especificamente, as construções perifrásticas: verbo auxiliar ficar (.67), o verbo auxiliar estar (.66) e outros verbos auxiliares (.61);
- O verbo auxiliar *estar* apresentou um número significativo de construções, pois de uma natureza total de 303 ocorrências com infinitivo gerundivo, 190 dessas apresentaram esse verbo auxiliar;
- Ainda de acordo com os resultados obtidos a partir dos nossos dados, verificamos que a *oração subordinada adverbial* apresentou o maior peso relativo (.74), a qual configura um contexto bastante favorecedor ao emprego do infinitivo gerundivo;
- Quanto aos tipos sintáticos de oração, além das adverbiais, as orações coordenadas e as absolutas favorecem o uso da variante inovadora, assim como os resultados obtidos por Barbosa (1999);
- A variável escolaridade também foi selecionada pelo programa como favorecedora do infinitivo gerundivo. Desse modo, os informantes de escolaridade baixa demonstraram uma maior frequência quanto ao uso inovador em comparação à forma conservadora. Resumidamente, apresentaram peso relativo (.66);
- Alguns grupos de fatores não foram selecionados como relevantes. Apesar disso, precisamos deixar registrado para futuras pesquisas, são eles: posição do clítico; sexo; faixa etária; local de nascimento.

De maneira geral, nossos resultados revelam a semelhança do PL com o PE no que se refere ao uso da forma perifrástica, isto é, um maior uso do infinitivo gerundivo. Assim, compreendemos que os principais fatores que favorecem esses resultados são de

ordens linguísticas e sociais, resumidamente: a estrutura verbal, o tipo de oração e a escolaridade do falante. Ademais, é importante pontuar, por fim, que apesar do infinitivo gerundivo ser a forma mais frequente, alguns falantes ainda alternam as formas nominais aqui estudadas. Isso mostra que há, ainda, algumas marcas da forma conservadora no PL.

Apesar dos resultados encontrados, não podemos de maneira alguma generalizar para a língua como um todo. Outros estudos poderão ser realizados por meio desse, além de afirmações cada vez mais abrangentes e com outras variedades africanas. Concluindo, para além dos resultados quantitativos, nossa pesquisa traçou aspectos históricos e sociais de Luanda, além de reflexões acerca da sua realidade sociolinguística. Para isso, futuras pesquisas, assim como desejamos, serão feitas por meio desse trabalho.

REFERÊNCIAS

ADRIANO, Paulino. **Tratamento morfosintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola** - Divergências em relação à norma europeia. Tese (Doutoramento em Linguística). Évora: Universidade de Évora, 490f. 2014.

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM; BENTES. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

ANGOLA. **Constituição da República de Angola**, Luanda: Imprensa Nacional, 2010.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. O uso variável da concordância verbal no português do Brasil (PB) e no português de Angola (PA): a história externa em foco. *In*: **Colóquio da Lusofonia**, v 13, e Encontro Açoriano, v 5, 2010, Florianópolis. Atas do... Florianópolis, 2010.

_____. **A concordância verbal nos continua sociolinguísticos do português brasileiro e do luandense**. Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 24, p. 25- 46, 2016.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; LUCCHESI, Dante. **Um estudo contrastivo sobre a concordância verbal em Feira de Santana e em Luanda**. -*Papia*, v. 26, p. 71-99, 2016.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; SILVA, Manoel Crispiniano Alves da. **Sintaxe dos pronomes clíticos no português falado em Feira de Santana BA: uma comparação com o português luandense**- *MACABÉA REVISTA ELETRONICA DO NETLLI*, V. 08, n 1, p. 563-84, 2019.

ARMANDO, Antônio Francisco. **O português de Angola**. São Paulo: Laços, 2014.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. **Para uma História do Português Colonial: Aspectos Linguísticos em Cartas de Comércio**. 1999. 484f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BARRETO, Isabel de Souza Lima. O êxodo da minoria branca em Angola. *In*: Revista Outros Tempos. Dossiê História e Sociedade. v. 9, n-13, p. 46 - 65, 2012.

BATIBO, M. Herman. **Language decline and death in Africa, causes, consequences and challenges**. Clevedon: Multilingual Matters, 2005.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

BELINE, Ronald. A variação linguística. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística**. I. Objetos teóricos. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 121-140.

CAMARA-JR, Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**, 2ª ed. Rio de Janeiro - Editora Vozes Limitada, Petrópolis. 1970

_____. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro. 1976

_____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**, Rio de Janeiro - Editora Padrão 1977.

_____. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 23. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CAMÕES, Luís. **Os Lusíadas**. Porto. Ed. A. J. Saraiva, Porto.1981 [1572]

CAREGNATO, Lucas. **Domínio colonial português em Angola nos séculos XV e XVI**. In: *X Encontro Estadual de História – ANPUH-RS, 2010, Santa Maria. Anais do X Encontro Estadual de História – ANPUHRS*. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2010.

CARRILHO, Ernestina; PEREIRA, Sandra. **Sobre a distribuição de construções sintáticas não-padrão em Português Europeu**. In: *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. CD-ROM. Lisboa: APL, 2011. p. 125 – 139.

CASTRO, Ivo. **Introdução à História do Português**. 2. ed. Lisboa: Edições Colibri, 2006.

COMRIE, Bernard. **Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COUTINHO, Lima Ismael. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

_____. **Pontos de Gramática Histórica**. 6 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

CUNHA, Celso. Conservação e inovação no português do Brasil. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, [S.l.], v. 5, p. 199-230, nov. 1986. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/4218. Acesso em: 08 nov. de 2021.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

FELGAS, Hélio. **Guerra em Angola**. Lisboa - Livraria Clássica 2ªed. 1962

FERNANDES, João; NTONDO, Zavoni. **Angola: Povos e Línguas**. Luanda: Nzila, 2002.

FIGUEIREDO, Carlos Felipe. Guimarães; OLIVEIRA, Marcia Santos Duarte. **Português do Libolo, Angola, e português afro -indígena de Jurussaca, Brasil**: cotejando os sistemas de pronominalização. *Papia* – revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico (Brasília), v. 23, p. 105-185, 2013.

GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis. **Emprego dos verbos auxiliares estar, ir, vir, seguidos de gerúndio**. Revista lusitana II. Porto: Livraria Portuense, 1890-1892. p. 76- 77.

GUY, Gregory Riordan. **Variation in the group and the individual**. Locating language in time and space, org. por W. Labov. New York, Academic Press, p.1-36, 1980.

HARZING, A.W. Publish or Perish, 2007, Disponível em:
<https://harzing.com/resources/publish-or-perish> , acesso em: <10/12/2021>

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2011.

INE, Instituto Nacional de Estatística. **Resultados definitivos do recenseamento geral população e da habitação de Angola 2014**. Luanda, INE – Divisão de Reprografia, 2016.

INVERNO, Liliana. **Português vernáculo do Brasil e Português vernáculo de Angola**: reestruturação parcial vs. mudança linguística. In: FERNÁNDEZ, Mauro; FERNÁNDEZ-FERREIRO, Manuel; VÁZQUEZ VEIGA, Nancy (Ed.). **Los Criollos de base ibérica: ACBLPE**. Madrid: Iberoamericana/Frankfurt am Main: Vervuert, 2004. p. 201-213.

INVERNO, Liliana. **A transição de Angola para o português vernáculo**: um estudo morfossintático do sintagma nominal. In: CARVALHO, Ana Maria (Org.). **Português em contato**. Madrid-Frankfurt: Iberoamericana, Editorial Vervuert, 2009. p. 87-106.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1963.

_____. **The stratification of English in New York**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da Língua Portuguesa**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Coleção Descobrimo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- LINHARES, Maria Yedda. **A luta contra a metrópole: Ásia e África: 1945- 1975**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 97-107.
- LIPSKI, J. M.(2003), **Sobre a origem e o desenvolvimento do sistema verbal das línguas crioulas de base portuguesa: sa/sã/ta**. Invited lecture, 5th German Lusitanist congress, University of Rostock, September 26, Germany.
- LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. **D.E.L.T.A.** – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-132, 2001.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. 576 p.
- MALER, Bertil. L’infinitif gérondival portugais: quelques notes sur la propagation. In: Studier i modern språkvetenskap (New Series). **Stockholm Studies in Modern Philology**. 4v. Stockholm: Stockholms Universitet. Sep., 1972. p. 250-268.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, Tânia Maria (Org.). **Para a história do português brasileiro**. v. 1. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002. p. 443-464.
- MENDONÇA, Raimundo. **A influência africana no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Sauer, 1933.
- MENON, Odete Pereira da Silva. **Gerundismo?**. *Lingua(gem)*, v. 1. nº 2. Macapá: ILAPEC, 2004. p. 191-236.
- MINGAS, Amélia Arlete. (1998). O português em Angola: Reflexões. In: **VIII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa**. Macau: Centro Cultural da Universidade de Macau, p. 109-126.
- _____. **Interferência do kimbundo no português falado em Luanda**. Luanda: Caxinde, 2000.
- MOTHÉ, Nubia Graciella Mendes. **A Variação Histórica entre a Forma Nominal Gerúndio e o Infinitivo Gerundivo**: o Português Brasileiro e o Português Europeu em Contraste. In: *Revista Inicia*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 2004.
- _____. **Variação e mudança aquém e além mar**: gerúndio versus infinitivo gerundivo no Português dos séculos XIX e XX. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras

Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2007.

_____. **Notícias de além-mar: variação e mudança no uso de infinitivo gerundivo no português europeu ao longo do século XX**. 2014. 428 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 2014.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamentos estatísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.

NZAU, Domingos Gabriel Ndele. **A Língua Portuguesa em Angola: Um Contributo para o Estudo da sua Nacionalização**. 2011. 204 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade da Beira Interior, Departamento de Letras, 2011. Disponível em: http://www.adelinotorres.com/teses/domingos_Ndzele_Nzau.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

OLIVEIRA, Fátima. (2003), **Tempo e aspecto**. In: MATEUS M.H.M. et ali (Org.) Gramática da Língua Portuguesa. 6ª ed. Editorial Caminho, Lisboa. p. 129-178. 2003.

OLIVEIRA, Lelia Alves. Perífrases com gerúndio e com infinitivo preposicionado: revisitando um dos aspectos da hipótese conservadora da formação do PB. **Revista Argumento**, v.18, n. 27. 2017.

PETTER, Margarida. **Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas**. Pávia, Brasília, v. 17, n. 1, p. 09-19, 2007.

_____. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: MELLO, Eliana, ALTENHOFEN, Cléo, RASO, Tommaso (Org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 37-42.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 42. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

RODRIGUES, Â. **A língua inglesa na África: opressão, negociação, resistência**. São Paulo: EdUNICAMP, 2011.

RODRIGUES, Evani Pereira. **A concordância nominal de gênero em sintagmas nominais: um estudo contrastivo entre comunidades rurais baianas e Luanda/Angola**. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de Almeida; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Orgs). *Variação linguística no semiárido baiano*. Feira de Santana: UEFS, 2014.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 08 jan. 2022.

SANTOS, Maria Rosane Passos dos. **“Amanhã vais na panela”**: um estudo sobre a regência do verbo ir no português falado em Luanda. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, UEFS, Feira de Santana, 2015.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolinguística: teoría y análisis**. Madrid: Alhambra Universidad, 1998.

SILVA, Antônio Carlos Matias da. **Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências**. NEARI em Revista. Recife, v. 4, n. 5, p. 1-15 .2018. Disponível em:

<https://revistas.faculdadedamas.edu.br/index.php/neari/article/download/660/544>

Acesso em: 08 nov. 2021.

SILVA, Manoel Crispiniano Alves da; ARAUJO, Silvana Silva de Farias. **A formação da identidade linguística do português falado em Angola: uma revisão bibliográfica e notas sobre a sócio-história**. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. 26, n. 76, p. 61-78, jan./abr. 2020. Disponível em:

<https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/499/534>. Acesso em: 17 jan. 2022.

SILVA, Manoel Crispiniano Alves da; ARAUJO, Silvana Silva de Farias. **As regências dos verbos assistir e namorar no intercâmbio sociolinguístico entre o Português de Luanda-Angola e o Português do Brasil: Para uma compreensão da realidade sociolinguística e sócio-histórica do Português Brasileiro**. *Travessias Interativas*, v. 14, p. 01- 14, 2017.

SILVA NETO, Serafim da Silva. **A língua portuguesa no Brasil**. Problemas. Rio de Janeiro Acadêmica, 1960.

SIMÕES, José da Silva. **Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro**. Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: USP, Faculdade de letras, 2007.

SOUZA, Mencialha Mariza. **Formas verbo-nominais latinas ressonâncias em português**. Cadernos do CNLF, Série VII, no 11, Rio de Janeiro. 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. Aspectos da pronominalização no português vernacular de Luanda: uma comparação com o português do Brasil. In: LOPES, Norma de Silva; BULHÕES, Lígia Pelon de Lima; CARVALHO, Cristina dos Santos. (Org.).

Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro, sociolinguística paramétrica e sociofuncionalismo. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013, p. 145-167.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. Sentenças relativas. In: TEIXEIRA, Eliana Pitombo; ARAUJO, Silvana. S. de Farias. (Org.).

Diálogos entre Brasil e Angola: o português d'aquém e d'além-mar. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017. p. 49-79.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TIMBANE, Alexandre António; TAMBA, Pansau. **A política linguística na África e situação das línguas autóctones na educação: uma análise crítica das Constituições**. *Revista Digital de*

Políticas Lingüísticas, Universidad Nacional de Córdoba, v. 12, n. 12, p. 85-105, out. 2020. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/RDPL/article/view/30707>. Acesso em: 17 jan. 2022.

UNDOLO, Márcio. **Caracterização da norma do português em Angola**. Évora: Editora da Universidade de Évora, 2014.

VICENTE, Gil, (1928) **Obras completas**. Facsimile da edição de 1562. Biblioteca Nacional, Lisboa. 1928. Disponível em <http://purl.pt/252>. Acesso em 10 Jan. 2022.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. **As revoluções africanas**: Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo, Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZÔLUA, Pedro Júnior. Angola – conjuntura da transição para independência. **Ação da História**. 28 jun. 2013. Disponível em: <http://juniorzolua.blogspot.pt/2013/12/angola-conjuntura-da-transicao-para-4.html>. Acesso em: 15 de dez. 2021.